

OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2022



NÚMERO 39

WALTER FIRMO:
no verbo do silêncio a síntese do grito



EDITORIAL

JUSTA HOMENAGEM

A exaltação da população e da cultura negra de diversas regiões do país exprime a poética de Walter Firmo, na mostra *“No verbo do silêncio a síntese do grito”*, no CCBB Rio de Janeiro, exposição que marca os 70 anos da trajetória do artista e o início da parceria entre o Centro Cultural e o Instituto Moreira Salles.

As 266 imagens exibidas eternizam cenas memoráveis de grandes nomes da música brasileira, como Cartola, Clementina de Jesus e a icônica fotografia de Pixinguinha na cadeira de balanço, além de destacar a trajetória de Firmo como fotojornalista e a sua série de fotos em preto e branco, pouco conhecida e, em grande parte, inédita.

A exposição é uma oportunidade para o público conhecer em profundidade a obra de um dos grandes fotógrafos do nosso país, que até hoje mantém seu compromisso pelo fazer artístico.

“Aí está o meu relato, a história de uma vida dedicada ao fazer fotográfico, dias encantados, anos dourados. Qual a minha melhor imagem? Certamente aquela que em vida ainda poderei fazer”, revela Firmo.

Boa leitura!

Foto de capa: Walter Firmo – Praia de Piatã, Salvador, BA – 2002 – Acervo IMS

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

ÍNDICE

- 04 **OXIGENE:** *Tom na Fazenda* faz curta temporada no Rio de Janeiro | *Diálogos no Acervo do MASP* | Estreia Mundial – *O Balé que você não vê*, no Teatro Castro Alves, Salvador
- 12 **MATÉRIA DE CAPA:** Retrospectiva do fotógrafo Walter Firmo chega ao CCBB RJ
- 18 Filmambiente 2022 – Festival Internacional de Filmes Ambientais
- 22 Marcela Gontijo – *Oráculo* – Exposição de pinturas inéditas na Galeria Movimento, RJ
- 25 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake – Edição Mulheres – Exposição com as selecionadas começa dia 19
- 28 Daniel Feingold no Paço Imperial, RJ
- 31 Com curadoria de Fernanda Lopes, Z42 Arte (RJ) inaugura duas exposições que têm a fotografia como base
- 36 *40 Antenas e Alguma Parabólicas* – Exposição no Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul, Brasília, apresenta o registro poético de artistas no período do isolamento
- 40 3ª Edição da *FLITI – Feira Literária de Tiradentes* homenageia os 90 anos do escritor e ilustrador Ziraldo
- 44 **TURISMO:** Estônia – Rumo a um novo destino turístico
- 50 **DIRETO DE LONDRES:** *Carolee Schneemann: Body Politics* – Mostra da artista pioneira da performance feminista, na Barbican Art Gallery, Londres



Armando Babaioff e Soraya Ravenle

Foto: Carol Beiriz

***TOM NA FAZENDA* FAZ CURTA TEMPORADA NO RIO DE JANEIRO**

Obra do premiado autor canadense Michel Marc Bouchard, idealizada por Armando Babaioff, fica em cartaz de 17 de novembro a 18 de dezembro, no Teatro das Artes, Gávea, Rio de Janeiro

Uma das peças mais aplaudidas e premiadas desde sua estreia em 2017, *Tom na Fazenda* continua sua trajetória de sucesso com nova temporada carioca. Após uma passagem de sucesso no Festival de Avignon, na

França e uma curta temporada no Teatro Firjan Sesi, a montagem idealizada por Armando Babaioff com direção de Rodrigo Portella, retorna aos palcos do Rio. Assistida por 30 mil pessoas, *Tom na Fazenda* traz no

elenco Soraya Ravenle, Gustavo Rodrigues e Camila Nhary, além do próprio Babaioff, em um drama forte e potente que aborda a inabilidade do indivíduo para lidar com o preconceito, violência e fracasso.

Tom na Fazenda é baseada na obra "*Tom à la Ferme*", do autor canadense Michel Marc Bouchard. Foi numa conversa com um amigo que Babaioff tomou conhecimento do filme *Tom na Fazenda* (2013), adaptação da peça homônima, com direção do franco-canadense Xavier Dolan. Arrebatado pela obra, o ator começou a traduzir o texto, que conta uma história universal, comum entre jovens de várias gerações, de diferentes culturas. São homens e mulheres que, por conta do preconceito, aprendem a mentir antes mesmo de aprenderem a amar. As famílias, guardiãs das normas sobre a sexualidade, garantindo sempre a heteronormatividade, inserem nos próprios membros a semente da homofobia.

Em cena, o publicitário Tom (Armando Babaioff) vai à fazenda da família para o funeral de seu companheiro. Ao chegar, descobre que a sogra (Soraya Ravenle) nunca tinha ouvido falar dele e tampouco sabia que o filho era gay. Nesse ambiente rural e austero, Tom é envolvido numa trama de mentiras criada pelo truculento irmão (Gustavo Rodrigues) do falecido, estabelecendo com aquela família relações de complicada dependência. A fazenda, aos poucos, vira cenário de um jogo perigoso, onde quanto mais os personagens se aproximam, maior a sombra de suas contradições.

Vencedor dos Prêmios APCA, APTR, Shell, entre outros, o espetáculo já completou mais de 250 apresentações com nove temporadas no Rio de Janeiro, uma em São

Paulo e uma em Montreal, no Canadá, quando as apresentações foram interrompidas pela pandemia da Covid-19. Em julho deste ano, a peça foi selecionada para a programação *off* do Festival de Avignon, e foi eleita uma das 13 favoritas do festival, segundo o *Le Journal Du Dimanche* e o *Coup de cœur du Festival* dado pelo jornal *La Croix*.

SERVIÇO

Espectáculo *Tom na Fazenda*

Teatro das Artes – Rua Marques de São Vicente, 52,
Shopping da Gávea, 2º piso, Rio de Janeiro / RJ
Tel.: (21) 2540-6004

Temporada: de 17 de novembro a 18 de dezembro de 2022

Período: quinta a sábado, às 21h | domingo, às 20h

Duração: 110 minutos | Lotação: 421 pessoas

Classificação Indicativa: 18 anos

Valores: R\$ 110 (inteira) R\$ 55 (meia)

Foto: Victor Novaes





Rembrandt van Rijn e ateliê, *Retrato de jovem com corrente de ouro* (*Autorretrato com corrente de ouro*), c. 1635, Acervo MASP

O programa *Diálogos no Acervo* visa instigar, por meio de mediações mensais, novas relações entre obras, visitantes e mediadores, repensando as possíveis formas de experiência no espaço expositivo. Os encontros buscam promover diálogos múltiplos, com todos os tipos de público.

A edição desse mês conta com uma conversa sobre o trabalho de Rembrandt van Rijn, *Retrato de jovem com corrente de ouro* (*Autorretrato com corrente*

DIÁLOGOS NO ACERVO, NO MASP

Que relações
podem ser feitas
entre trabalhos de
diferentes origens,
períodos e estilos?

de ouro), c. 1635, com o de Dora Longo Bahia, *Campo e contracampo* (Presidente do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e 11 de junho de 2013), de 2017.

Dia 8 de novembro, terça-feira – 16h – Grátis

Ponto de encontro: Entrada da mostra *Acervo em Transformação*, 2º andar, às 16 horas

Retirada do ingresso no site do museu:

<https://masp.org.br/>

ESTREIA MUNDIAL

“O Balé Que Você Não Vê”, no Teatro Castro Alves, Salvador

*Com três coreografias inéditas, Balé Folclórico da Bahia estreia
o espetáculo no dia 18 de novembro*

Foto: Celia Santos





Foto: Celia Santos

Além de espetáculo, inspirado na luta diária de uma companhia profissional para se manter, o Balé vai lançar uma exposição sobre os 34 anos da sua trajetória. A programação faz parte do Festival Balé Folclórico da Bahia, que também realizou várias oficinas artísticas e técnicas gratuitas ao longo do ano com quase 1400 participantes

Com um novo corpo de baile, o Balé Folclórico da Bahia sobe ao palco do Teatro Castro Alves, no próximo dia 18 de novembro, às 21 horas, para a estreia mundial do espetáculo *“O Balé Que Você Não Vê”*. As apresentações da curta temporada também vão acontecer no dia 19, às 21 horas, e no dia 20, às 20 horas. No palco, a companhia de dança afro-baiana vai apresentar três coreografias inéditas – *Bolero*, de Carlos Durval; *Okan*, de Nildinha Fonseca; e *2-3-8* de Slim Mello. Do repertório clássico do grupo, *Afixirê*, coreografia reconhecida internacionalmente e criada por Rosângela Silvestre.

Durante o espetáculo, também haverá uma intervenção da cantora Maria Bethânia, em áudio, decla-

mando o poema *Mandato de Despejo aos Mandarins do Mundo*, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. A direção geral é de Vavá Botelho e a direção artística de José Carlos Arandiba (Zebrinha). A montagem integra a programação do *Festival Balé Folclórico da Bahia*, que conta com o estímulo da Lei Federal de Incentivo à Cultura e tem os patrocínios do Banco Votorantim e do Instituto Cultural Vale

O Balé Que Você Não Vê é inspirado na luta diária de uma companhia profissional para se manter, tanto financeira como tecnicamente. Além de toda preparação técnica para dança, música, capoeira, canto e teatro, os bailarinos da companhia não aprendem apenas dança

afro-brasileira, eles recebem preparação para dança clássica, dança moderna e contemporânea. *“É um trabalho árduo e permanente”, conta Vavá Botelho, fundador e diretor geral da companhia. “Poucas companhias de dança privadas sem patrocinador regular conseguem existir por tanto tempo, mantendo um nível de excelência técnica tão elevado e respeito do público e da crítica”, afirma.*

Para as três novas coreografias, o cenário terá projeção em vídeo criado pelo VJ Gabiru; na coreografia *Bolero*, Adriano Passos também assina o cenário. Em *Afixirê* o artista Alberto Pitta é o responsável pelo cenário. Os figurinos das coreografias *Okan* e *Bolero* são assinados por Maurício Martins e os adereços por Luis Claudio Vasconcelos. Já a coreografia *2-3-8* tem figurinos e adereços da Grife Meninos Rei. Em *Afixirê*, os figurinos

e adereços são assinados por Antônio das Graças, Ninho Reis e Vavá Botelho. A iluminação cênica das coreografias *Okan* e *Bolero* é de Irma Vidal; já a iluminação de *2-3-8* fica por conta de Gerard Laffuste, e a coreografia *Afixirê* tem a iluminação de Antônio Marcos.

PROGRAMAÇÃO INCLUSIVA

No dia 20, às 11 horas, o espetáculo também será apresentado dentro do projeto *Domingo no TCA*, com ingressos a R\$ 1,00 (1 real). E na véspera da estreia, no dia 17, haverá uma apresentação gratuita para escolas públicas das redes municipal e estadual.

“A companhia, que sempre teve uma vocação social muito forte, já brilhou em várias partes do mundo e queremos que todos os baianos vejam o Balé”, afirma Vavá Botelho.



EXPOSIÇÃO “O OLHAR DO TEMPO”

Dentro da programação do Festival, o Balé Folclórico da Bahia vai lançar também a exposição interativa “O Olhar do Tempo”, com curadoria e projeto expográfico de Rose Lima, que contará a história dos 34 anos da companhia. A abertura será no dia 16 de novembro, no Foyer do TCA, e ficará em cartaz até 4 de dezembro, das 10 às 17 horas, com entrada gratuita.

A mostra vai reunir fotos, textos, prêmios, figurinos, cartazes e programas das turnês mundiais realizadas pela companhia. Através de parabólicas sonoras, as pessoas poderão escutar os áudios das coreografias que estarão sendo reproduzidas em telões.

NOVO CORPO DE BAILE

A formação atual da companhia tem quatorze novos bailarinos e apenas três bailarinos veteranos – desde o início da pandemia, muitos tiveram que buscar novas formas de trabalho e deixaram o grupo. Os novos bailarinos foram selecionados a partir das oficinas de dança afro-brasileira oferecidas gratuitamente pelo próprio Balé.

“O espetáculo O Balé Que Você Não Vê é justamente um reflexo do nosso desafio diário, da nossa resistência. Depois de mais de dois anos sem atividades, reerguer a companhia está sendo um grande desafio. Para ensaiar a nova montagem foi preciso, antes, formar uma nova companhia, já que o grupo foi dissipado pela pandemia”, explica Vavá Botelho.

Na coreografia *Afixirê*, a companhia terá participações especiais de bailarinos do Balé do Teatro Castro Alves e do elenco do Bando de Teatro Olodum.

OFICINAS E VOCAÇÃO SOCIAL

Além de shows e exposição, o festival, que foi lançado em março, realizou ao longo do ano várias atividades socioeducativas gratuitas, entre as quais as oficinas artísticas de dança afro-brasileira e percussão, em dez comunidades de Salvador e Lauro de Freitas, e as oficinas técnicas de figurino e adereços, cenotecnia e iluminação no TCA. *“As oficinas tiveram uma grande adesão e repercussão. Tivemos 1383 participantes inscritos”, afirma Vavá Botelho.*

“A companhia tem no seu DNA a vocação para o trabalho social. Nos 34 anos do Balé já formamos mais de 800 bailarinos, a maioria deles oriundos de comunidades de baixa renda. Muitos dos que aprenderam os primeiros passos de dança no Balé Folclórico da Bahia, ganharam o mundo e hoje brilham em companhias internacionais em vários países da Europa e nos EUA”, declara Vavá.

Além do aprendizado, alguns participantes das oficinas tiveram a oportunidade de passar a integrar o Balé Folclórico da Bahia. *“A partir dessas oficinas, fizemos uma audição e selecionamos novos talentos para formação da companhia”, explica o diretor do Balé.*

SOBRE O BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA

O premiado Balé, que completou 34 anos em agosto, já se apresentou em mais de trezentas cidades e 27 países, incluindo Estados Unidos, Itália, Inglaterra, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Nova Zelândia, Austrália, Alemanha, França, Holanda, Suíça, México, Chile, Colômbia, Finlândia, Suécia e África do Sul, entre outros. *“Seguramente, somos um dos principais embaixadores da cultura popular brasileira e afro-baiana para o mundo”, destaca Vavá.*

Com sede no Pelourinho, em Salvador, o BFB é a única companhia de dança folclórica profissional do país. Os integrantes da companhia – dançarinos, músicos e cantores – recebem preparação técnica para dança, música, capoeira, canto e teatro. Para preservar e divulgar as principais manifestações folclóricas da Bahia, o Balé desenvolveu uma linguagem cênica que parte dos aspectos populares e atinge questões contemporâneas.

SERVIÇO

Espectáculo *O Balé Que Você Não Vê*

Balé Folclórico da Bahia

Sala Principal do Teatro Castro Alves (TCA)

Praça Dois de Julho, s/n, Campo Grande, Salvador / BA

Datas:

Dias 18 e 19 de novembro, às 21 horas

Dia 20 de novembro, às 20 horas – sessão às 11 horas, dentro do projeto “*Domingo no TCA*”, com ingressos a R\$ 1,00

Ingressos:

R\$ 100,00 (inteira) e R\$ 50,00 (meia) para as filas A a P
R\$ 80,00 (inteira) e R\$ 40,00 (meia) para as filas Q a Z11

Onde comprar: No Sympla –

<https://bileto.sympla.com.br/event/77998/d/165489>

e bilheteria do TCA

Duração: 90 minutos (com intervalo)

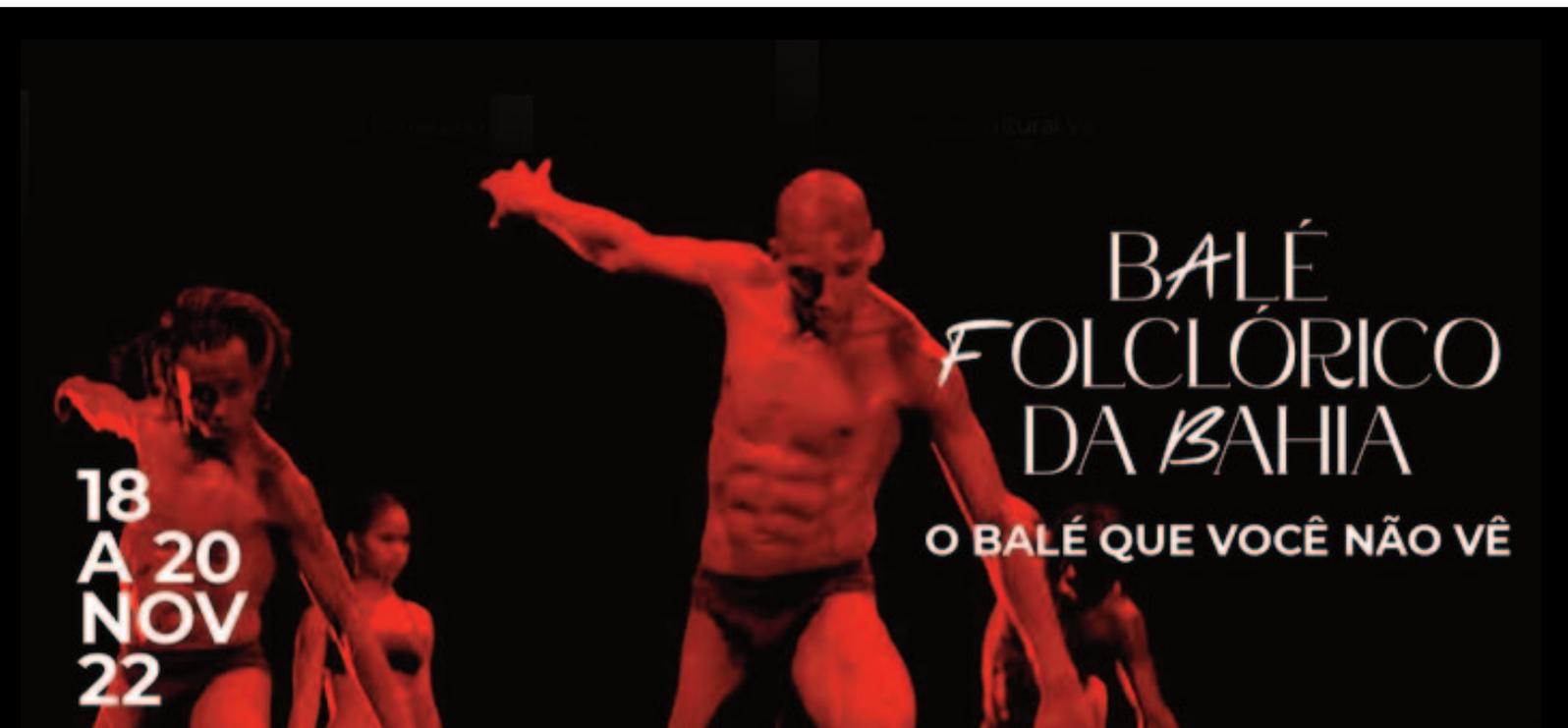
Exposição “O Olhar do Tempo”

Local: Foyer do TCA

Data: 16 de novembro a 4 de dezembro

Horário de visitaçã: 10 às 17h

Entrada gratuita





Retrospectiva do fotógrafo Walter Firmo chega ao CCBB RJ

Exposição marca o início da parceria entre o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro e o Instituto Moreira Salles, que terá sua sede carioca fechada para reforma

No dia 9 de novembro será inaugurada a exposição retrospectiva “Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito”, um panorama dos mais de 70 anos de trajetória do consagrado fotógrafo carioca. A mostra será apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ), depois de ter sido

exibida no Instituto Moreira Salles de São Paulo (IMS Paulista), e marca o início da parceria – inédita – entre as duas instituições.

"Essa bela parceria não poderia começar de forma melhor. Inaugurá-la com uma mostra que tem tanta relação com a identidade carioca e que o público do Rio de Janeiro não poderia perder de forma alguma é muito significativo", afirma Sueli Voltarelli, Gerente Geral do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. E complementa:

"As imagens de Firmo despertam memórias de uma afetividade profunda, que certamente aumentam a conexão das pessoas com a produção cultural brasileira."

Marcelo Araujo, diretor-geral do Instituto Moreira Salles, ressalta a especial importância da parceria com o CCBB: *"É um privilégio poder apresentar a exposição de Walter Firmo no Rio de Janeiro numa instituição de tamanho prestígio, e com uma relação tão forte com a cidade e sua população."*

Walter Firmo – Carnaval, RJ, 1985 – Acervo Instituto Moreira Salles



Com curadoria de Sergio Burgi e Janaina Damaceno, *“Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito”* ocupará todas as salas do segundo andar do CCBB RJ com 266 fotografias, produzidas desde 1950, no início da carreira de Firmo, até 2021. São imagens que retratam e exaltam a população e a cultura negra de diversas regiões do país, registrando ritos, festas populares e religiosas, além de cenas cotidianas. O conjunto destaca a poética do artista associada à experimentação e à criação de imagens muitas vezes encenadas e dirigidas. *“Acabei colocando os negros numa atitude de referência no meu trabalho, fotografando os músicos, os operários, as festas folclóricas, enfim, toda a gente. A vertigem é em cima deles. De colocá-los como honrados, totens, como homens que trabalham, que existem. Eles ajudaram a construir esse país”*, diz Walter Firmo.

O fotógrafo percorreu intensamente todo o Brasil, mas sempre manteve um vínculo especial com o Rio de Janeiro, sua cidade natal, onde iniciou e construiu sua carreira e desenhou sua trajetória na fotografia, a partir da vivência de homem negro nascido e criado nos subúrbios e arrabaldes de Mesquita, Nilópolis, Marechal Hermes, Osvaldo Cruz, Vaz Lobo, Cordovil, Parada de Lucas, Vista Alegre e Irajá, territórios do samba de raiz e do permanente ronco da cuíca.

Dividida em núcleos temáticos, a mostra traz retratos memoráveis de grandes nomes da música brasileira, como Cartola, Clementina de Jesus e a icônica fotografia de Pixinguinha na cadeira de balanço, além de destacar a importante trajetória de Firmo como fotojornalista e de dedicar uma seção à fotografia em preto e branco do artista, pouco conhecida e, em grande parte, inédita.



Walter Firmo – Cartola, Angenor de Oliveira desfilando no Carnaval, RJ, 1970 – Acervo IMS

Walter Firmo – Clementina de Jesus, RJ, 1977 – Acervo IMS





Walter Firmo – Maestro Pixinguinha, RJ, 1967 – Acervo IMS

*“Walter Firmo incorporou desde cedo em sua prática fotográfica a noção da síntese narrativa de imagem única, elaborada através de imagens construídas, dirigidas e, muitas vezes, até encenadas. Linguagem própria que, tendo como substrato sua consciência de origem – social, cultural e racial –, desenvolve-se amalgamada à percepção da necessidade de se confrontar e se questionar os cânones e limites da fotografia documental e do fotojornalismo. Num sentido mais amplo, questionar a própria fotografia como verossimilhança ou mera mimese do real”, afirma o curador Sergio Burgi, coordenador de fotografia do IMS, que assina a curadoria ao lado de Janaina Damaceno Gomes, professora da UERJ e coordenadora do grupo de pesquisa *Afrovisualidades: Estéticas e Políticas da Imagem Negra*.*

A exposição é uma oportunidade para o público conhecer em profundidade a obra de um dos grandes fotógrafos do nosso país, que até hoje mantém seu compromisso pelo fazer artístico: *“Aí está o meu relato, a história de uma vida dedicada ao fazer fotográfico, dias encantados, anos dourados. Qual a minha melhor imagem? Certamente aquela que em vida ainda poderei fazer. Emoções, demais”, afirma o fotógrafo.*

Com patrocínio do Banco do Brasil, a exposição segue para os Centros Culturais Banco do Brasil Brasília e Belo Horizonte.

NÚCLEOS TEMÁTICOS

A mostra está dividida em sete núcleos temáticos. No primeiro, o público encontra cerca de 20 imagens em cores, de grande formato, produzidas ao longo de toda a carreira de Firmo. Há fotos feitas em Salvador (BA), como o registro de uma jovem noiva na favela de Alagados (2002); em Cachoeira (BA), como o retrato da Mãe Filhinha (1904-2014), que fez parte da Irmandade da Boa Morte durante 70 anos; e em Conceição da Barra (ES), onde o fotógrafo retratou o quilombola Gaudêncio da Conceição (1928-2020), integrante da Comunidade do Angelim e do grupo Ticumbi, dança de raízes africanas; entre outras.

O segundo núcleo apresenta a biografia do artista, abordando os seus primeiros anos de atuação na imprensa, quando registrou temas do noticiário, em imagens em preto e branco. O conjunto inclui uma fotografia do jogador Garrincha, feita em 1957; imagens de figuras proeminentes da política nacional,

como Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek; além de registros de ensaios de escolas de samba do Rio de Janeiro. Também há fotos feitas para a matéria “100 dias na Amazônia de ninguém”, publicada em 1964 no Jornal do Brasil, pela qual Firmo recebeu o Prêmio Esso de Reportagem.



Walter Firmo – Filhos Eduardo Firmo e Aloísio Firmo e Pais de Walter Firmo, José Baptista e Maria de Lourdes, RJ, 1985 – Acervo IMS

Nas próximas seções, a retrospectiva evidencia como, no decorrer de sua carreira, Firmo passou a se distanciar do fotojornalismo documental e direto, tendo como base a ideia da fotografia como encantamento,

encenação e teatralidade, em diálogo com a pintura e o cinema. Isso fica evidente no ensaio realizado em 1985 com seus pais (José Baptista e Maria de Lourdes) e seus filhos (Eduardo e Aloísio Firmo), no qual José aparece vestindo seu traje de fuzileiro naval, função que desempenhou ao longo da vida, ao lado de Maria de Lourdes, que usa um vestido longo, florido e elegante. O ensaio faz alusão às pinturas *Os noivos* (1937) e *Família do fuzileiro naval* (1935), do artista Alberto da Veiga Guignard (1896-1962).

Como destaque, a exposição apresenta ainda retratos de músicos produzidos por Firmo, principalmente a partir da década de 1970. Nas imagens, que ilustram inúmeras capas de discos, estão nomes como Dona Ivone Lara, Cartola, Clementina de Jesus, Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Martinho da Vila, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Djavan e Chico Buarque. Nesse conjunto, encontra-se a famosa série de fotografias de Pixinguinha feita em 1967, quando Firmo acompanhou o jornalista Muniz Sodré em uma pauta na casa do compositor. Após o término da conversa, o fotógrafo pegou uma cadeira de balanço que ficava na sala da residência, colocou no quintal, ao lado de uma mangueira, e propôs que Pixinguinha se sentasse nela com o saxofone no colo. Assim registrou o músico, em uma série de imagens que se tornaram icônicas.

A exposição traz também um ensaio com fotografias do artista Arthur Bispo do Rosário para a revista *IstoÉ*, em 1985, feitas na antiga Colônia Juliano Moreira, onde Bispo ficou confinado e criou seu acervo ao longo de cerca de 25 anos. Registros produzidos durante cele-

brações tradicionais brasileiras, como a Festa de Bom Jesus da Lapa, a Festa de Iemanjá e o próprio Carnaval do Rio de Janeiro, também estão na exposição, assim como o núcleo que contém fotos feitas em outros países, como Cuba, Jamaica e Cabo Verde.

Um importante recorte da mostra é o núcleo dedicado à fotografia em preto e branco, ainda pouco conhecida e em grande parte inédita, cujo destaque é a série de imagens feitas na praia de Piatã, em Salvador, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000. O curta-metragem *Pequena África* (2002), do cineasta Zózimo Bulbul, no qual Firmo trabalhou como diretor de fotografia, e que trata da história da região que recebeu milhões de africanos escravizados, é exibido ao público visitante.

SERVIÇO

Exposição

Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito

Curadoria: Sergio Burgi e Janaina Damaceno Gomes

Assistência de curadoria: Alessandra Coutinho Campos

Abertura: 9 de novembro de 2022, às 9h

Exposição: até 27 de março de 2023

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020

Funcionamento:

segunda, quarta a sábado, das 9h às 21h

Domingo, das 9h às 20h

Fechado às terças-feiras

Classificação indicativa: 14 anos

Entrada franca, com ingressos disponíveis na bilheteria ou pelo site do CCBB – bb.com.br/cultura



Walter Firmo
Tio de
Walter Firmo,
Daniel Baptista,
Loirá, PA,
1970
Acervo IMS

filmambiente '22

3—9 Novembro

Rio de Janeiro

Espaço Itaú de Cinema

JUNTOS PARA GARANTIR MUDANÇAS

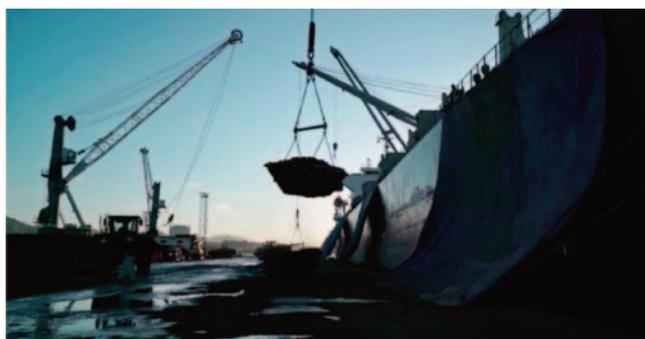


Gravura gentilmente cedida pela artista Christine Drummond | www.chdrummond.com

Uma Baía, de Murilo Salles, documentário observacional do dia a dia de homens e mulheres que habitam no entorno da Baía de Guanabara em suas jornadas de sobrevivência, é o filme de abertura da 12ª edição do Filmambiente – Festival Internacional de Filmes Ambientais – que acontece de 3 a 9 de novembro, no Espaço Itaú de Cinema, Rio de Janeiro, com exibições gratuitas. O evento, considerado referência em produções que denunciam os desmandos da humanidade com o ecossistema, também terá sessões online e irá exibir 25 títulos entre longas e curtas – animações, documentários e ficções de 11 países

Após dois anos de edições online, a 12ª edição do Filmambiente volta a sua versão presencial e conta com o patrocínio da *RioFilme*, órgão que integra a SEGOVI (Secretaria Municipal de Governo e Integridade Pública), o apoio dos Consulados da Suíça e da França, da Cinemateca Francesa do Rio de Janeiro e a parceria da livraria *Books*, espaço onde serão realizados os debates programados após algumas exhibições. O evento é uma realização da *Amado Arte & Produção* e *Ágora Produções*.

O título que abre o festival, *Uma Baía* (<https://filmambiente.com/br/movie/uma-baia/>), que rendeu a Murilo Salles o *Redentor* de melhor direção, e melhor montagem para Eva Randolph no Festival do Rio 2021, relata a jornada diária de estivadores, catadores de caranguejo e mariscos, barbeiros, pedreiros e quilombolas, cujas histórias estão intimamente ligadas à beleza e ao espanto no entorno da Baía de Guanabara. No dia 3, ao final da sessão, haverá um breve Q&A com Salles.



Still *Uma Baía*

Outro destaque dessa edição é *Pisar Suavemente na Terra* (<https://filmambiente.com/br/movie/pisar-suavemente-na-terra/>), de Marcos Colón, que tem entre os seus personagens principais Ailton Krenak. Trata-se de um documentário americano, filmado no Brasil

e no Peru, que ressalta a luta de três lideranças indígenas amazônicas para sobreviver às ameaças aos seus territórios. No dia 5, após a exibição, o diretor Marcos Colón e Ailton Krenak participarão de um debate com o público.



Still *Pisar Suavemente na Terra*

Já *Vento na Fronteira* (<https://filmambiente.com/br/movie/vento-na-fronteira/>), de Laura Faerman e Marina Weis, trata da atualíssima questão da disputa entre o povo Guarani Kaiowá e ruralistas no Mato Grosso do Sul. A exibição, no dia 7/11, será seguida por um debate com Alenir Aquino Ximendes (Guarani Kaiowá), protagonista do filme, e a antropóloga Oiara Bolilla, sob o tema “*Os ataques aos Guarani Kaiowa na Região de Fronteira do Brasil com Paraguai*”.



Still *Vento na Fronteira*

Dois outros pontos altos da programação são **Caminhar sobre a Água** (<https://filmambiente.com/br/movie/caminhar-sobre-a-agua/>), de Aïssa Maïga – que conta a história dos moradores da aldeia de Tatiste, no norte da Nigéria, vítimas do aquecimento global, que lutam para encontrar soluções e ter acesso à água –, e **O Território** (<https://filmambiente.com/br/movie/o-territorio/>), de Alex Pritz, filmado na Amazônia brasileira, ganhador de mais de 15 prêmios internacionais, inclusive o prêmio de público no *Sundance 2022*, que será exibido no encerramento do evento, dia 9. O filme mostra a luta de um jovem líder indígena e seu mentor para proteger a floresta.



Still *Caminhar sobre a Água*



Still *O Território*

PREMIAÇÃO E JURADOS

Seis longas e quinze curtas-metragens concorrem aos prêmios de *Melhor filme*, *Direção*, *Edição* e *Fotografia* de longa e de curta metragem, escolhidos pelo júri, e *Melhor Longa-Metragem* e *Melhor Curta-Metragem* pelo voto popular. Além desses, quatro curtas serão exibidos fora de competição.

Luiz Carlos Lacerda, o bigode, cineasta, roteirista e produtor, **Lea Teixeira**, diretora do Festin – Festival de Língua Portuguesa de Lisboa, e a indiana **Vasanti Rao**, diretora do festival CMS Vatavaran, de Nova Delhi, na Índia, fazem parte do júri de Longa-Metragem.

Compõem o júri de Curta-Metragem **Alexandre Juruena**, mestre em Estudos Contemporâneos da Arte pela UFF e diretor do Anim!Arte – Festival Internacional de Animação Estudantil do Brasil, **Maria Bento**, mestra em Educação pela Universidade de Lisboa e fundadora do Cinemirim, projeto de introdução à linguagem cinematográfica para crianças e adolescentes, e o cineasta, roteirista e produtor **Valério Fonseca**.

Segundo a diretora e curadora do Filmambiente, Suzana Amado, “é importante que a 12ª edição do festival volte ao formato presencial e à cidade do Rio de Janeiro, com uma programação que traz assuntos tão atuais e, especialmente, com tantos filmes realizados por mulheres”.

A produtora e curadora Valéria Burke, ressalta que “a seleção dos filmes e, principalmente, os debates propostos, tratam de questões prementes no atual momento do país”.

PROGRAMAÇÃO

Sessões presenciais no Espaço Itaú de Cinema – Sala 1 | 19h30 – Praia de Botafogo, 316, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

3/11 Quinta-feira Thursday 3	CERIMÔNIA DE ABERTURA OPENING CEREMONY UMA BAÍA Murilo Salles (Brasil Brazil, 2021, 109') + Q&A
4/11 Sexta-feira Friday 4	O GRANDE VERDE Lorenzo Massoni (França France, 2021, 18') ENTRE FOGO E ÁGUA Viviana Echeverry, Anton WENZE (Colômbia Colombia, 2020, 92')
5/11 Sábado Saturday 5	QUANDO AS ANDORINHAS VOAM PARA LONGE Sébastien Pins (Bélgica Belgium, 2021, 19') PISAR SUAVEMENTE NA TERRA Marcos Colón (EUA USA, 2022, 73') + DEBATE Debate
6/11 Domingo Sunday 6	ECO Barzan Rostami (Irã Iran, 2020, 7') OMAR E PINCETTE Julien Sulser (Suíça Switzerland, 2022, 7') CAMINHAR SOBRE A ÁGUA Aïssa Maïga (França e Bélgica France & Belgium, 2021, 89')
7/11 Segunda-feira Monday 7	NA NATUREZA Marcel Barelli (Suíça Switzerland, 2021, 5') ESQUECE ISSO Kim Culetto (Suíça Switzerland, 2021, 8') VENTO NA FRONTEIRA Laura Faerman, Marina Weis (Brasil Brazil, 2022, 78') + DEBATE Debate
8/11 Terça-feira Tuesday 8	TRISTE BELEZA Arjan Brentjes (Holanda Netherlands, 2020, 10') VAMOS TENTAR? Pierre-Antoine Carpentier (França France, 2021, 18') MATA Fábio Nascimento, Ingrid Fadnes (Brasil Brazil, 2021, 80')
9/11 Quarta-feira Wednesday 9	CERIMÔNIA PREMIAÇÃO AWARD CEREMONY O TERRITÓRIO Alex Pritz (Brasil, Dinamarca e EUA Brazil, Denmark & USA, 2022, 85')

Consulte o site www.filmambiente.com para a programação online de Curtas, disponível ao longo do Festival.

SERVIÇO

Filmambiente 2022 – 12ª edição

3 a 9 de novembro de 2022

Exibições gratuitas

Vinheta: https://www.youtube.com/watch?v=T_q0bnVMxNM

Programação presencial no Espaço Itaú de Cinema
Praia de Botafogo, 316, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ
25 títulos – 11 países

<https://filmambiente.com/br/filmambiente-2022/>

MARCELA GONTIJO – ORÁCULO

Exposição de pinturas inéditas na Galeria Movimento, RJ

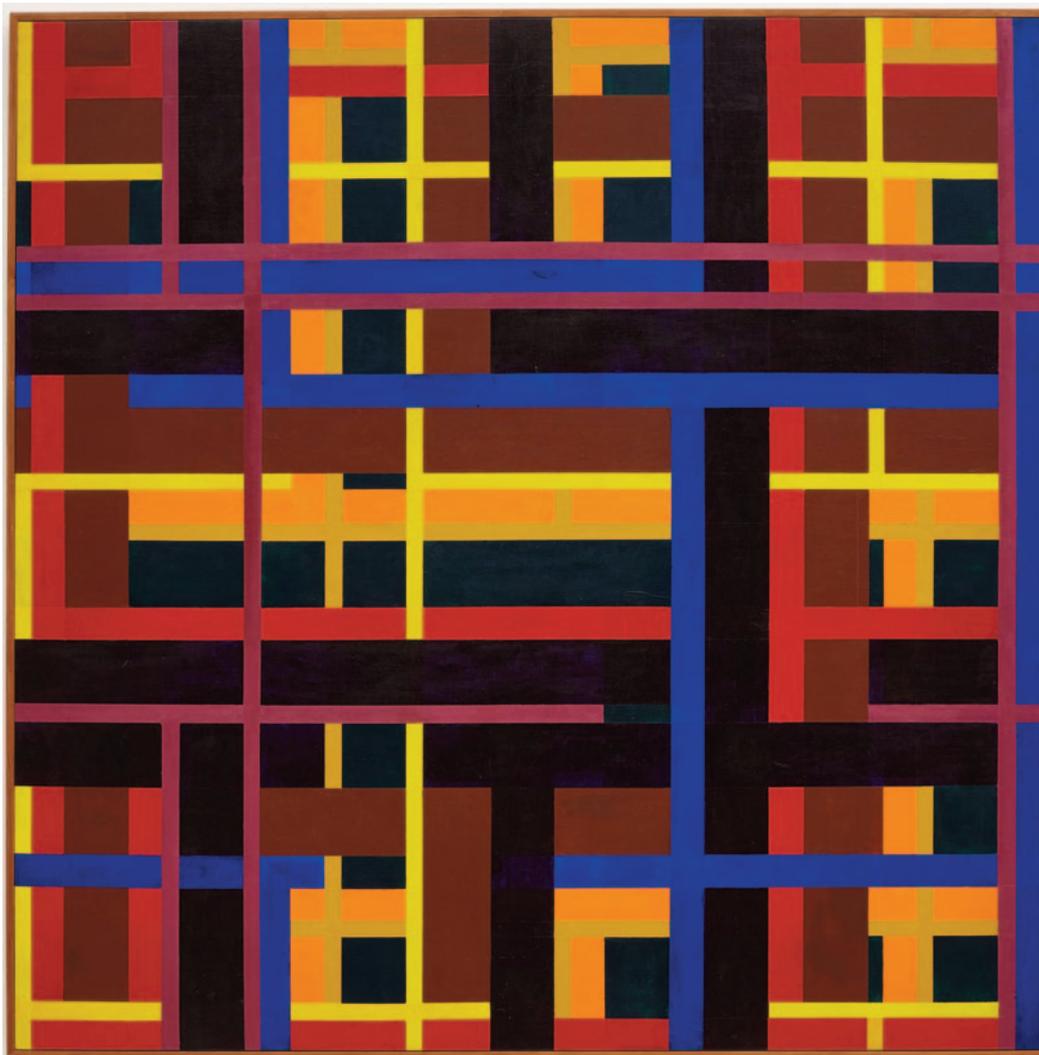


Foto: Divulgação

A partir do dia 5, mostra inédita da artista mineira apresenta uma série de obras inspiradas no tratado milenar chinês “I Ching” (o “Livro das Mutações”). À sua arte, Gontijo adicionou o acaso – os hexagramas resultantes do jogo de moedas – na construção das tramas de linhas horizontais e verticais em cores fortes

“Oráculo” exhibe pinturas inéditas e recentes de Marcela Gontijo (1966, Belo Horizonte), num processo derivado do livro “I Ching”, um compilado milenar de textos de sábios chineses, incluindo Confúcio (c. 552 a.C.-479 a.C.), que ao longo dos séculos foi usado como oráculo por governantes. A artista teve contato com o livro quando morou em Hong-Kong, entre 2012 e 2015, período em que realizava pesquisa sobre os processos de construção das cidades chinesas, que à época resultou na série de trabalhos “New Territories”, mostrados em 2016 também na Galeria Movimento, igualmente com curadoria de Felipe Scovino. O processo criativo de Gontijo será exibido em vídeo.

A artista explica que nunca “jogou” o “I Ching” para uso pessoal, divinatório, e sim para se apropriar em seu trabalho “do mecanismo interessante da combinação das linhas”.

O “I Ching” apresenta 64 hexagramas, cada um com seis linhas horizontais sobrepostas – contínuas ou partidas – que representam um complexo conjunto de imagens metafóricas e orientações, abrangendo várias áreas do conhecimento chinês armazenado por séculos. A consulta ao livro é feita por seis jogadas consecutivas com três moedas, e o número obtido pela soma de cara (2) e coroa (3) em cada uma das jogadas indica um hexagrama correspondente.

“O que me atrai nessa nova série de Marcela Gontijo é a forma como ela lida com o paradoxo entre seu sistema de regras muito objetivas e o acaso do jogo do ‘I Ching’”, conta o curador Felipe Scovino. Ele destaca que a artista aleatoriamente vai construindo um sistema de regras – par ou ímpar – para a escolha das cores. “De uma certa forma, remete aos russos do início do século 20, iniciadores da arte abstrata, como



Kandinsky (1866-1944), que trouxeram elementos de espiritualidade, misticismo e metafísica. Marcela Gontijo cria uma lógica interna para a disposição do hexagrama sobre a tela, agregando ao pensamento construtivo um dado espiritual”, diz.

A artista explica que “depois de ‘New Territories’, uma colagem com linhas desordenadas que mostrava o caos urbano de Hong Kong, o ‘I Ching’ foi uma maneira de organizar, reordenar o meu trabalho, trazendo o lado do pensamento e sabedoria orientais”. Ao sistema de linhas horizontais, Marcela Gontijo acrescentou linhas verticais, como contraponto ao pensamento holístico oriental, e alusão ao mundo ocidental, cartesiano.

O ACASO NO PROCESSO ARTÍSTICO

Inicialmente, Marcela Gontijo quadriculou a tela para poder aplicar as linhas, todas com a mesma largura, e estabeleceu um conjunto de quatro cores, atribuindo uma cor para cada jogada. A cada hexagrama resultante, ela pintava a tela, de acordo com as linhas determinadas. E assim até preencher todo o espaço. Atrás da tela, a artista anotou o nome de cada hexagrama e sua composição.

A partir da ideia de movimento e mutação contida no nome “I Ching”, a artista criou seu próprio sistema de sequência. A cada trabalho que fazia, retirava uma cor do conjunto de quatro do trabalho anterior, e acrescentava uma nova.

“É o movimento que está ligado ao acaso”. “Quis dar uma chance ao acaso. O desenho é todo estruturado

pele jogo. Quando a pintura começa, não sei como vai terminar. As possibilidades são infinitas”, ela comenta, “e posso criar continuamente dentro dessa lógica”. Nos trabalhos apresentados, estão cores fortes, como verde, azul cobalto, amarelo, vermelho, siena, ocre, violeta e laranja. Mas ela ressalta que “as combinações sempre são harmônicas”.

SERVIÇO

Exposição “Marcela Gontijo” – Oráculo

Galeria Movimento – Rua dos Oitis, 15, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Abertura: 5 de novembro de 2022, das 15h às 19h

Até: 3 de dezembro de 2022

Entrada gratuita

Terça a sexta, das 11h às 19h | Sábado, das 13h às 18h

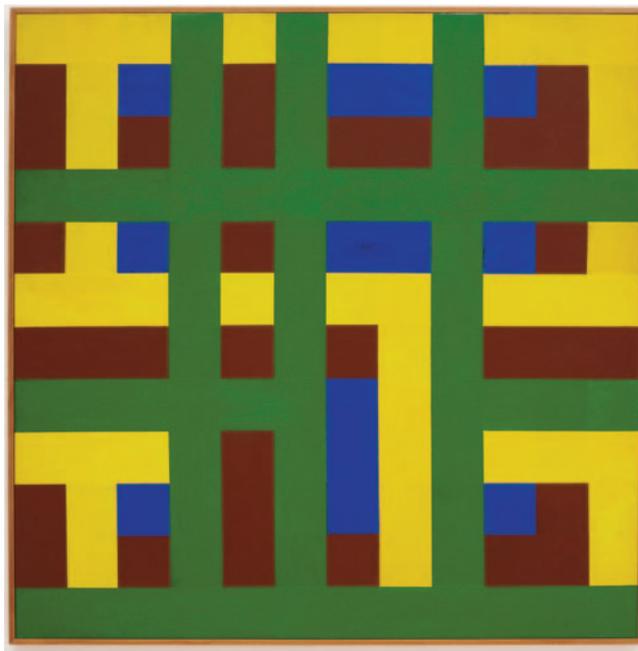
Tel.:(21) 3197-1331

Canais digitais:

WhatsApp – (21) 97114-3641

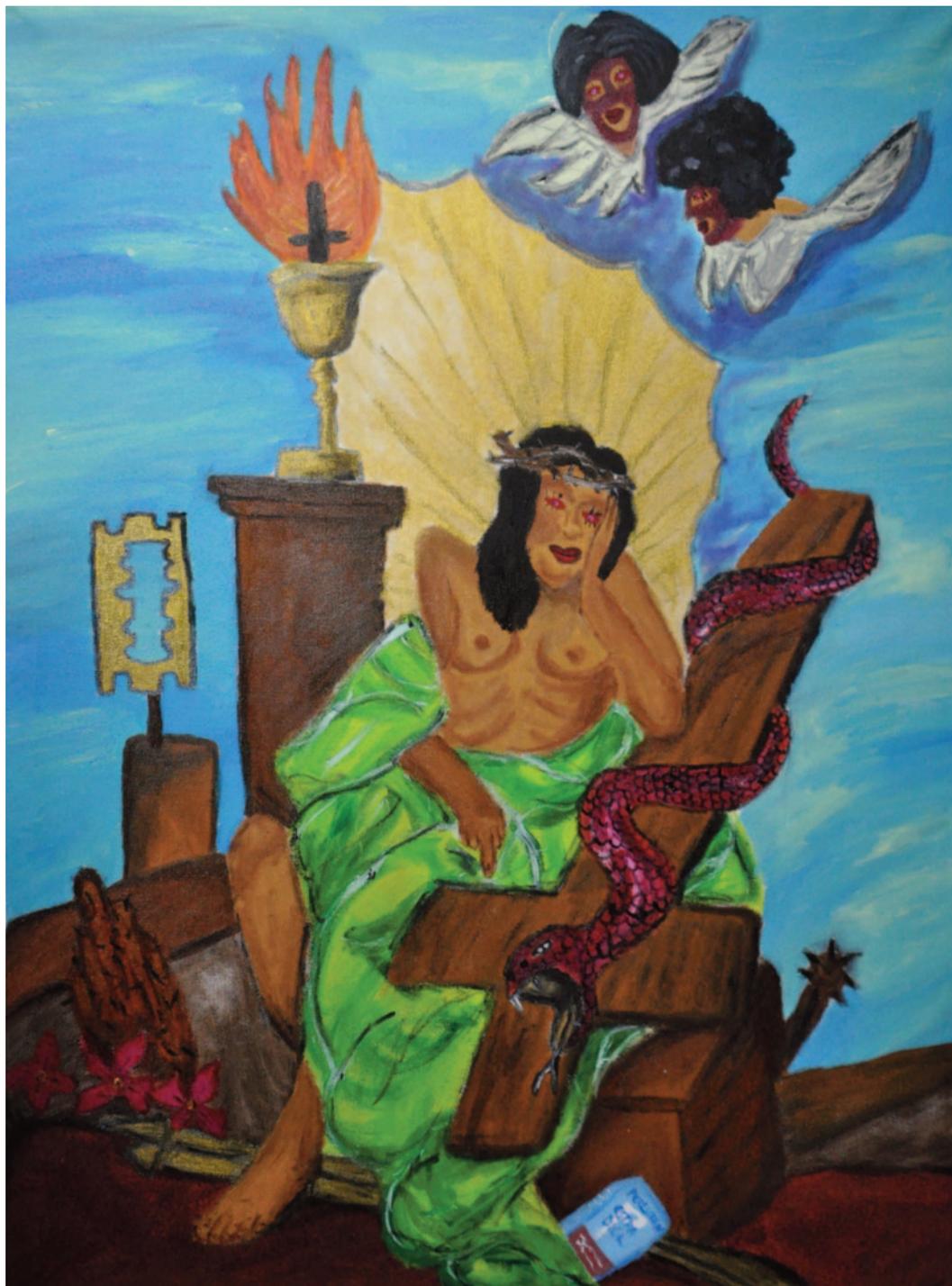
contato@galeriamovimento.com.br

<https://www.galeriamovimento.com.br/>



8º PRÊMIO ARTES TOMIE OHTAKE – EDIÇÃO MULHERES

Exposição com as selecionadas começa dia 19

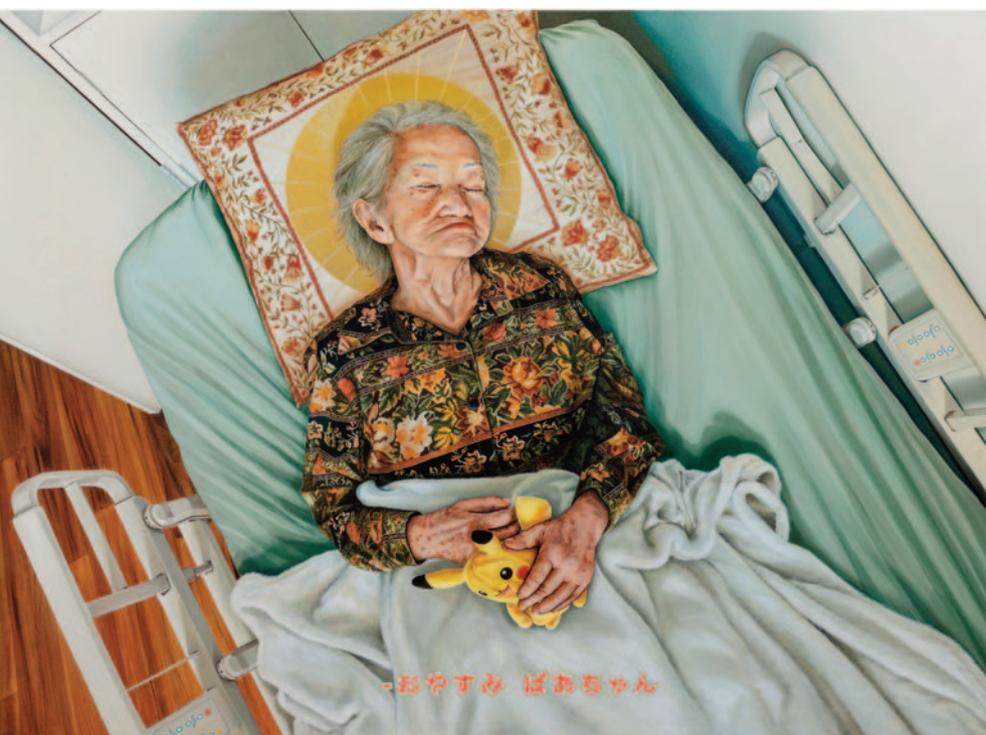


Vulcanica
Pokaropa
*Suportou
a Cruz,*
2022
Foto:
Vulcanica Pokaropa

O Instituto Tomie Ohtake anuncia as 10 artistas selecionadas, entre as 1.898 inscritas, provenientes de 25 estados brasileiros e do Distrito Federal.

São elas: Clara Moreira – Recife, PE; Guilhermina Augusti – Rio de Janeiro, RJ; Jasi Pereira – Salvador, BA; Josi – Itamarandiba, MG; Marjô Mizumoto – São Paulo, SP; Maria José Batista – Belém, PA; Moara Tupinambá – Belém, PA; Panamby – Raposa, MA; Terroristas del Amor – Fortaleza, CE; e Vulcanica Pokaropa – Presidente Bernardes, SP.

A mostra estreia no dia 19 e fica em cartaz até 5 de fevereiro de 2023



Marjô Mizumoto, *Oyasumi Bachan*, 2021-2022
Foto: Filipe Berndt

Guilhermina Augusti,
Escuro Indizível n2, 2021
Foto: desna



A seleção coube ao júri formado por Aline Albuquerque, Júlia Cavazzini, Horrana de Kássia Santoz, Priscyla Gomes, Renata Bittencourt, Rita Vênus e Sallisa Rosa. As 10 artistas selecionadas receberam a quantia

de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para despesas relacionadas à produção e transporte das obras, além de acompanhamento do júri por meio de conversas online, visando o enriquecimento e o aperfeiçoamento

de suas pesquisas e práticas, evidenciando o caráter formativo da premiação.

SOBRE O 8º PRÊMIO ARTES TOMIE OHTAKE EDIÇÃO MULHERES

Realizado desde 2009, este ano o prêmio inovou ao promover uma edição especial voltada exclusivamente a artistas mulheres, buscando reconhecer trajetórias e potencialidades, respondendo à falta de visibilidade historicamente conferida a essas produções.

Foram aceitas inscrições de mulheres a partir dos 18 anos, autoidentificadas socialmente como cis ou trans, desde que fossem brasileiras ou estrangeiras residentes no Brasil há pelo menos dois anos a contar da data da inscrição. Como em todas as edições, as inscrições foram gratuitas, individuais ou de coletivos, desde que todas as integrantes cumprissem os requisitos do edital, disponibilizado na página de inscrição. Artistas em início de carreira ou ainda não inseridas no sistema das artes e cultura, com marcadores sociais não privilegiados, tiveram atenção especial do júri à sua produção.

SERVIÇO

Exposição 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake Edição Mulheres

<https://premioartes.institutotomieohtake.org.br/>

Instituto Tomie Ohtake

Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropés, 88),

Pinheiros / SP – Metrô mais próximo:

Estação Faria Lima / Linha 4 – amarela

Tel.: (11) 2254-1900

De terça a domingo, das 11h às 20h



Josi, *Série O que não passa*

Foto: Josiley Souza

Clara Moreira, *Promessa da casa*, 2022

Foto: Clara Moreira





Foto: Vicente de Mello

Daniel Feingold no Paço Imperial (RJ)

Artista carioca completa 30 anos de trajetória e apresenta obras recentes e inéditas na mostra “Pequenos Formatos” que marca uma nova fase de sua produção

A partir do dia 23, mais de 60 pinturas do artista carioca Daniel Feingold serão exibidas no Paço Imperial. A exposição, com curadoria de Paulo Venâncio Filho, inaugura uma nova fase na carreira do artista, com obras

em pequenos formatos, cores mais vivas e campos cromáticos inéditos, em óleo sobre bastão e tela. Como um desdobramento desses novos trabalhos, também serão apresentadas oito pinturas inéditas, em grandes

dimensões, produzidas este ano em óleo sobre tela, que dialogam com as obras de menor formato.

“São planos cromáticos, linhas e situações de encontros plásticos que geram uma suposta dobradura do espaço, a partir de uma cor, na maioria das vezes plana, na superfície bidimensional da pintura”, diz o artista. “Faiscantes, elétricas, ácidas, como uma dança de centelhas que, entre si, disputam o espaço total da tela – um all over da era digital. Oriundas de um estilhaçamento prévio, em curso, que impossibilita toda e qualquer possibilidade e insiste em se conter nos limites da tela, que a custo o corpo procura controlar – o élan vital pintura”, completa o curador Paulo Venâncio Filho.

Conhecido por suas pinturas monumentais, nas quais escorria o esmalte sintético pela tela, criando tramas, Feingold não só mudou o material, mas também as formas e a paleta, com cores mais vivas, muitas delas em neon, além da introdução do prata, trazendo mais luz e vitalidade para as telas. *“O fundo prata ou alumínio energiza fisicamente a superfície chapada”, afirma o curador, que completa: “E o que dizer dessas cores tão improváveis, indefiníveis, tão além dos padrões modernos – lancinantes, eu diria. Reconfortantes, não. Ameaçadoras, talvez. Descarregam corajosamente no espaço sua versão da complexidade atual que se quer simplificar – o bem estar não está mais entre nós. Lameijos derradeiros do bodyelectric”.*

A produção das pinturas menores, com tamanhos que variam entre 18cm x 24cm e 50cm x 60cm, teve início no período da pandemia, um modo mais rápido e pro-

duativo de trabalhar. Utilizando bastão oleoso, o artista criou formas diversas, mas que se limitavam ao espaço deixado pelo risco do bastão. Por isso, passou a usar também a tinta a óleo, com trincha, que permitia uma aplicação maior das cores na tela, resultando em áreas cromáticas mais largas. Como um desdobramento natural, voltou a sua origem de produzir grandes telas, essas com tamanhos de 2,20m x 2,80m, em obras verticais, e 1,80m x 3,00m, em telas horizontais, com formas que se assemelham às pequenas pinturas, mas nas quais o artista pôde se expandir mais, escorrendo, inclusive, pelas bordas, que têm 10cm de espessura.



Foto: Vicente de Mello

As pinturas maiores são formadas por duas telas, propositalmente separadas, que dão a sensação de uma obra tridimensional, com dobraduras e volumes. E mesmo sendo compostas por duas telas, o artista não as define como dípticos. *“Elas não se encostam, é o*

olho do espectador que junta os dois painéis, formando uma dobradura entre eles. É essa continuidade do espaço, que não se interrompe em todo o constructo. Se as telas fossem juntas, não haveria esse efeito”, afirma.

Nas novas obras, além de novas formas e novas cores, Feingold utiliza tinta a óleo. *“O óleo é uma tinta com alma, que se move, se refaz, se perde e tem vida. Para essas pinturas só o óleo faz sentido, pois este se movimenta, enruga, fere”,* afirma o artista, que propositalmente deixa os “acidentes” de percurso na tela, como respingos e manchas, que acabam se incorporando à obra.

Formado em arquitetura, Daniel Feingold não faz nenhum esboço prévio antes de criar suas pinturas. *“As formas começam a ser ‘recortadas’ na hora. É tudo resolvido na tela, no momento da pintura”,* revela o artista, que morou muitos anos em Nova York, período *“muito esclarecedor para a minha poética de temática abstrata”.*

A exposição tem patrocínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital Retomada Cultural RJ2.

SOBRE O ARTISTA

Daniel Feingold nasceu no Rio de Janeiro, em 1954. Formou-se em Arquitetura na FAUSS, RJ, em 1983. Estudou História da Arte e Filosofia na UNIRIO/PUC, de 1988-1992; Teoria da Arte & Pintura e Núcleo de Aprofundamento, na EAV Parque Lage, de 1988-1991 e fez mestrado no *PrattInstitute*, Nova York, em 1997.

SERVIÇO

Exposição “Pequenos Formatos”, de Daniel Feingold

Abertura: 23 de novembro de 2022

Exposição: até 12 de fevereiro de 2023

Paço Imperial – Praça XV de Novembro, 48, Centro,

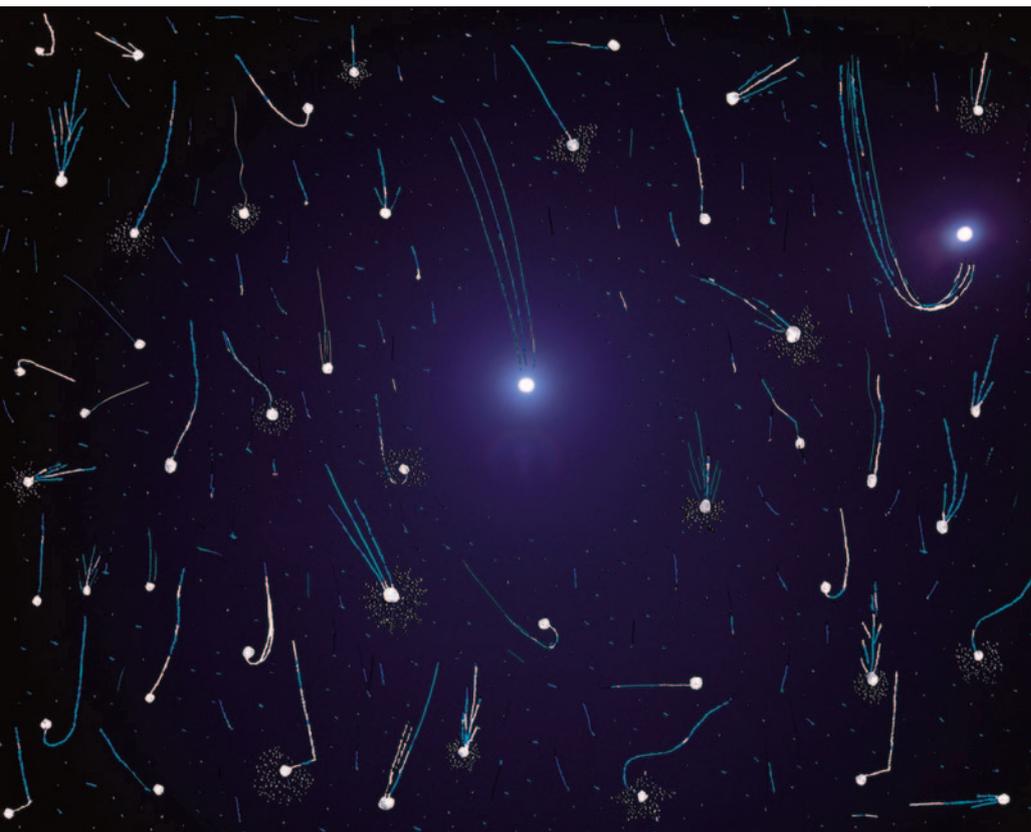
Rio de Janeiro, RJ | Entrada gratuita

Terça a sexta, das 12h às 18h

Finais de semana e feriados, das 12h às 18h



Foto: Vicente de Mello



Com curadoria de Fernanda Lopes, Z42 Arte (RJ) inaugura duas exposições que têm a fotografia como base



“Nascer de Terras”, de Amanda Coimbra, e “Esqueça de mim”, de Marcelo Albagli, ocuparão todo o espaço expositivo do centro cultural com obras inéditas

De cima para baixo:
Amanda Coimbra, *Nascer de Terras* (detalhe);
Marcelo Albagli, *João* (detalhe)
Fotos: Divulgação

No dia 19 a Z42 Arte inaugura as exposições **“NASCER DE TERRAS”**, da artista brasileira radicada no Rio de Janeiro, Amanda Coimbra, e **“ESQUEÇA DE MIM”**, do artista carioca Marcelo Albagli. Com curadoria de Fernanda Lopes, as mostras ocuparão todo o espaço expositivo do casarão no Cosme Velho com obras inéditas, que partem de fotografias de momentos históricos e de personalidades importantes da história para criar, através do desenho, poéticas distintas. Ao longo do período da mostra serão realizadas conversas com os artistas, a curadora e convidados.

“Independentes entre si, as exposições de Amanda e Marcelo revelam a pesquisa recente e inédita de dois jovens artistas que vivem e trabalham no Rio de Janeiro, e, vistas em conjunto, permitem a reflexão sobre questões atuais como o estatuto da imagem, a prática do desenho na arte contemporânea e a construção/invenção da memória”, diz a curadora Fernanda Lopes.

NASCER DE TERRAS – AMANDA COIMBRA

Amanda Coimbra parte da icônica fotografia *“Earthrise”* (1968), do astronauta William Anders, que mostra o planeta Terra visto da Lua, para criar as 25 obras da exposição. Considerada como uma das 100 fotografias que mudaram o mundo, a imagem serviu de base para a artista começar a fotografar o céu noturno de forma analógica. Com os negativos em mãos, ela começou a arranhá-los, com agulhas, pontas de compasso e outros objetos pontiagudos, fazendo desenhos, criando novos planetas, desenhando estrelas, luas e repensando o nosso lugar no mundo.

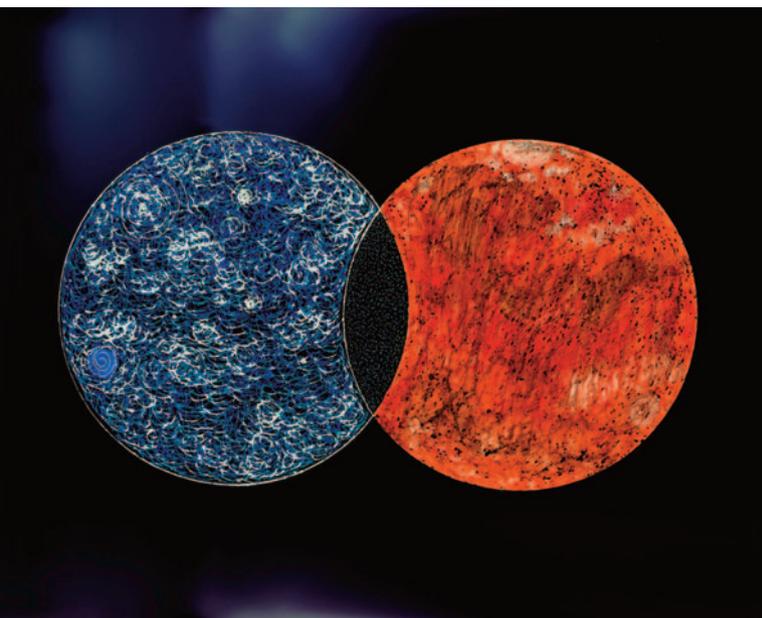


Amanda Coimbra, *Camadas da Terra*

Foto: Divulgação

“Na superfície nítida e perfeita do negativo, crio marcas permanentes, quase como se fosse uma tatuagem, transformando-a em uma imagem meio ambígua, híbrida, pois ainda há a informação original daquela imagem fotográfica, mas com um desenho por cima, que se torna parte daquilo”, explica Amanda Coimbra.

Com isso, a artista mescla a realidade da fotografia com os seus desenhos, criando imagens híbridas de ficção e realidade, misturando dois suportes distintos – fotografia e desenho – em uma mesma obra. *“Ao borrar a fronteira entre ficção e realidade, ciência e imaginação, Nascer de Terras reafirma que não existem imagens inocentes. É preciso estar atento e em posição de duvidar. É preciso olhar, olhar de novo, e olhar mais uma vez. O que estamos realmente vendo?”*, ressalta a curadora Fernanda Lopes.



Enquanto Amanda fazia os desenhos, o robô da Nasa “Perseverança” chegava a Marte, e a artista incluiu o planeta vermelho em algumas obras. *“A missão tinha como principal objetivo procurar sinais de vida no planeta e, como desdobramento, estudar a possibilidade dele ser habitado por seres humanos. Se em 1969, a fotografia da Terra nos fez repensar nossa relação com o planeta que habitamos e com a construção da imagem, hoje, acompanhar a exploração de Marte é ver nascer mais uma vez outra possibilidade de Terra. E outra possibilidade de imagem”*, afirma a curadora.

ESQUEÇA DE MIM – MARCELO ALBAGLI

Partindo de fotografias de personalidades históricas, Marcelo Albagli apresenta a exposição “Esqueça de mim”, com cerca de 20 desenhos em grafite sobre

papel dos séculos 18 e 19, que tratam de memória – afetiva, nacional e histórica. As folhas antigas trazem marcas do tempo, como mofo, manchas e amarelados, que interessam ao artista e se integram às obras.

A série de trabalhos que dá nome à exposição retrata o rosto de cinco presidentes da ditadura militar: Artur da Costa e Silva, Emílio Médici, Ernesto Geisel, Humberto Castello Branco e João Figueiredo. Com cerca de 1mx1m, os desenhos são feitos sobre folhas de papel de livros antigos e, para chegar no tamanho que deseja, o artista junta essas folhas. *“Há a materialidade do suporte, textura, volume, peso, gravidade, cheiro. Não é só o desenho como imagem, é o desenho como matéria”*, afirma Marcelo Albagli.



Marcelo Albagli, *Emílio*

Foto: Divulgação

Também farão parte da exposição oito trabalhos da série “Brasília 19:00”, que retratam signatários do AI-5, como Jarbas Passarinho e Delfim Netto. O nome da série faz alusão a *Voz do Brasil* e ao rádio e esta sala será ambientada com spots originais da rádio relógio, com a voz do locutor Tavares Borba. No mesmo local estarão trabalhos que retratam outros políticos brasileiros, mas nos quais o artista faz intervenções, como manchas e borrões, chegando a derreter o grafite em algumas, quase apagando o desenho, criando uma espécie de fantasma da figura.



Marcelo Albagli, *Artur*

Foto: Divulgação

“A memória se constitui como um corpo em construção, ao mesmo tempo individual e coletivo, físico e desmaterializado, a partir de inúmeras camadas de tempo,

história, realidade e ficção. As lembranças do artista são como gatilhos que acionam nossas próprias lembranças. Somos colocados quase que diante de um espelho, olhando frente a frente cada um desses rostos”, afirma a curadora.

Em comum, os trabalhos trazem sempre apenas o rosto dos personagens, centralizado na folha de papel, tanto nos desenhos menores quanto nos maiores, compostos por diversas folhas, em uma alusão às fotos oficiais. Como referência para fazer estes desenhos fidedignos, o artista fez um longo trabalho de pesquisa em arquivos jornalísticos. *“Tem um caráter político, mas, acima de tudo, é um processo de construção da minha memória, da minha infância, lembrar da atmosfera, dos cheiros, dos tons, das roupas”,* diz o artista.

SOBRE OS ARTISTAS

Amanda Coimbra (Brasília, 1989) – Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduada em Artes Visuais pelo *School of the Art Institute of Chicago* (2011). Participou das residências artísticas *Casa da Escada Colorida* (2021-2022), *DESPINA* (2017), *Espacio de Arte Contemporáneo* (Montevideu, 2017), *Proyecto ‘ace* (Buenos Aires, 2012) e *Picture Berlin* (Berlim, 2009). Desde 2010 mostra seu trabalho em exposições coletivas e individuais no Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Uruguai, Argentina e Peru. Em 2016 publicou o foto livro *“A Memória de um Álbum de Viagem”*, com texto crítico da curadora argentina Ana María Battistozzi. Em 2021 seu projeto *“Nascer de Terras”* foi contemplado pelo edital *Retomada Cultural RJ* (Lei Aldir Blanc – SECEC RJ).

Marcelo Albagli (Rio de Janeiro, 1970) – Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É mestre em design pela *University of Arts London*, no Reino Unido. Frequentou oficinas de pintura, desenho e litografia na EAV Parque Lage, onde atualmente é professor, e estudou gravura e teoria da arte na *Kunsthøjskolen i Holbæk*, na Dinamarca, país onde se formou em vídeo e cinema pela *Københavns Mediecenter*. Possui cursos livres em diversas instituições, como *Escola Sem Sítio*, PUC-Rio, *Instituto Adelina* e *Berlin Art Institute*, este último na Alemanha.

Em 2021, participou das coletivas *Dobras* (Paço Imperial / RJ), *Coleção de Pedras Vivas* (Casa da Escada Colorida / RJ) e *Movimentos laterais, de afastamento e de colisão* (Galeria Quarta Parede / SP). Ainda no mesmo ano, foi selecionado para o 46º Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo, para o 17º Salão Nacional de Arte Contemporânea de Guarulhos e para o *Trinity Buoy Wharf Drawing Prize*, em Londres. Em 2022, foi artista residente na *DRAW international*, em Caylus, França.

SOBRE A CURADORA

Fernanda Lopes é curadora, crítica de arte e pesquisadora. Doutora pela Escola de Belas Artes da UFRJ, é Diretora Artística do *Instituto Pintora Djanira* e professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde foi aluna. Organizou, ao lado de Aristóteles A. Predebon, o livro *“Francisco Bittencourt: Arte-Dinamite”* (Tamanduá-Arte, 2016). Escreveu os livros *“Área Experimental: Lugar, Espaço e Dimensão do Experimental na Arte Brasileira dos Anos 1970”* (Bolsa de Estímulo à Produção Crítica, Minc/Funarte, 2012) e *“Éramos o time do Rei – A Experiência Rex”* (Prêmio de Artes Plásticas Marcan-tonio Vilaça, Funarte, 2006).

Foi curadora adjunta do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2016-2020), curadora associada do Centro

Cultural São Paulo (2010-2012) e curadora convidada da Sala Especial do Grupo Rex na 29ª Bienal de São Paulo (2010). Em 2017 recebeu, ao lado de Fernando Cocchiarale da Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA), o Prêmio Maria Eugênia Franco (curadoria de exposição em 2016) pela curadoria da exposição *“Em Polvorosa – Um panorama das coleções MAM-Rio”*. É membro do Conselho Editorial da revista *Concinnitas* (UERJ).

SERVIÇO

Exposição Marcelo Albagli e Amanda Coimbra na Z42 Arte

Abertura: 19 de novembro de 2022, às 16h

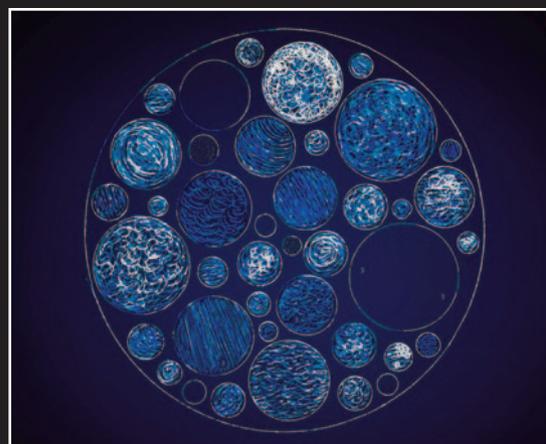
Exposição: até 17 de dezembro de 2022

Z42 Arte – Rua Filinto de Almeida, 42, Cosme Velho, Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 98148-8146

De segunda a sexta, das 11h às 16h

Sábado, mediante agendamento

Entrada franca



Amanda Coimbra, *Mundos internos*

Foto: Divulgação



Marcelo Albagli, *Ernesto (detalhe)*

Foto: Divulgação



Cirilo Quartim, *Pandéptico*

Foto: Divulgação

40 ANTENAS E ALGUMAS PARABÓLICAS
Exposição no Espaço Cultural Renato Russo
508 Sul, Brasília, apresenta o registro poético
de artistas no período do isolamento

A iniciativa, dos artistas Suyan de Mattos e Hilan Bensusan, conta com o acompanhamento crítico da curadora e mestre em arte contemporânea Marília Panitz.

A exposição – de 18 de novembro a 7 de janeiro de 2023 – na Galeria Rubem Valentim do espaço cultural reúne obras resultantes de um processo iniciado no começo de 2020, que inclui lives e uma mostra na passagem subterrânea entre as quadras 109 e 209 Sul

Quais os rastros deixados pelo confinamento imposto pela pandemia do Covid-19 na obra de artistas visuais que vivem ou já viveram em Brasília? Como esses artistas fizeram para manter a sanidade e o desejo de subversão? Estas e outras respostas estão no conjunto de obras que integram a exposição *40 Antenas e Algumas Parabólicas*. “O tema é de cada artista e como cada um captou a quarentena e a pandemia frente à sua produção poética”, explica Suyan.

A mostra é resultado de um intenso processo iniciado em 13 de março de 2020, quando foi lançado o decreto de nº 64.862 com medidas temporais e emergenciais de prevenção de contágio pelo Covid-19. Na semana seguinte, Hilan Bensusan convidou Suyan de Mattos para organizar uma exposição com as obras de artistas visuais que fossem desenvolvidas durante o isolamento e o distanciamento provocados pela pandemia. Tendo a quarentena como licença poética, 40 artistas visuais foram convidados a participar do projeto *40 Antenas e Algumas Parabólicas*, que chega agora ao período dC (depois do Corona).

A exposição reúne obras de artistas com carreira consolidada e outros que estão construindo suas tra-



Hilan Bensusan, *Devoração*

Foto: Divulgação



Suyan de Mattos,
Vulvônicas

Foto: Divulgação

jetórias. Integram a mostra nomes conceituados como José Roberto Bassul, Valéria Pena-Costa, Leo Tavares, Leopoldo Wolf, Zuleika de Souza, Isadora Dalle, Márcio Borsoi, Lis Marina Oliveira, Gisel Carriconde Azevedo, Luciana Paiva, Nivalda Assunção e Lara Ovídio, entre outros, além de trabalhos dos artistas envolvidos na criação e execução do projeto – Suyan de Mattos, Hilan Bensusan e Cirilo Quartim.

A EXPOSIÇÃO

Até chegar à exposição atual, com diferentes artistas visuais da cena contemporânea de Brasília, foram realizados diversos processos, a começar por *lives* com os 40 artistas convidados, que se estenderam até o final do mês de julho de 2020 e que contaram com acompanhamento do músico euFraktus X. Depois, outros 60 artistas se integraram ao programa das conversas online nas redes do movimento, formando o que se convencionou chamar de *Parabólicas*. Seguiram-se desdobramentos como as performances *Pandemônio*, realizadas simultaneamente através da plataforma Zoom, e a criação do perfil [@40antenasdc](https://www.instagram.com/@40antenasdc) no Instagram.

Em 14 de julho, o projeto inaugurou a ocupação do *mundo das Hades* no 233º aniversário da queda da Bastilha (como referência à queda de um governo autoritário), na passarela subterrânea da quadra 109 Sul, entrada do Beirute, com 40 lambes de 40 artistas.

Agora, a exposição ganha o espaço da Galeria Rubem Valentim, conceitualmente dividida por demarcações poéticas chamadas pela curadora Marília Panitz de *Territórios, Tempo e Ações*. Ela explica: “Foi com surpresa que percebemos que dos encontros na rede se estabeleciam algumas formas exemplares de tratar o isolamento (assim como na vida). Divididos basicamente em quatro formas de ocupação do ‘espaço’ íntimo que é requisitado pelo ‘estar em casa’; em três temporalidades; e no encadeamento de ações coincidentes. Parecia haver nesse descobrimento poético coletivo de enfrentamento à pandemia certos padrões identificáveis”.

Sendo assim, fazem parte dos *TERRITÓRIOS* obras que trabalham a *Casa* (o íntimo), *Quintal* e *Entorno* (o redor), *Excursão* (o longe solitário) e *Dentro* (o longe



íntimo). Já Em *TEMPO* estão trabalhos que miram o *Ontem* (os guardados), *Sucessão de Presentes* (o ordinário) e *O quem vem depois* (o exercício premonitório). Por fim, em *AÇÕES*, estão olhares para o *Experimental*, o *Efêmero*, o *Perene* e a *Memória de Achados como Retomada*.

O projeto inclui ainda quatro palestras em formato de visitas guiadas e *lives* já gravadas com artistas *Antenas* e convidados *Parabólicas*, que serão disponibilizadas num monitor de vídeo. As *lives* apresentam conversas com nomes como Ralph Gehre, Helena Lopes, Divino Sobral, Karina Dias, Gê Orthof, Cris Cabus, Eduardo Mariz, Clarisse Tarran, Arthur Scovino, Camila Soato, João Angelini, Selma Parreiras e Wagner Barja e serão veiculadas com legendas em *closed caption*. Na exposição, todas as obras terão etiquetas em braille e as visitas guiadas contarão com intérprete de libras e audiodescrição.

SERVIÇO

Exposição **40 ANTENAS E ALGUMAS PARABÓLICAS**

Galeria Rubem Valentim, no Espaço Cultural Renato Russo

Asa Sul, Comércio Residencial Sul 508 Bloco A – Asa Sul, Brasília / DF | Entrada franca

Abertura: 17 de novembro de 2022, às 19h

Período: 18/11/2022 a 07/01/2023

Horários: de terça a sábado, das 10h às 20h
domingo, das 10h às 19h

De cima para baixo: Thalita Caetano, *Arqueologia*;
Marcelo Calango, *Seres fantásticos do Cerrado*
Fotos: Divulgação

FLITI

3ª Feira Literária de Tiradentes

3 a 6 | novembro | 2022



3ª Edição da FLITI – Feira Literária de Tiradentes
homenageia os 90 anos do escritor e ilustrador Ziraldo



A FLITI ocorre entre os dias 3 e 6 de novembro, na cidade mineira de Tiradentes. O evento reúne grandes nomes da literatura, tem mais de 100 atrações e conta com a participação de 30 editoras vendendo livros a preços promocionais

A programação é intensa. Logo após a cerimônia de abertura, às 10h do dia 3, com a presença de autoridades municipais e da diretora do Instituto Ziraldo, Adriana Lins, haverá o lançamento dos livros *Tiradentes e o Alferes Tiradentes*, com Luiz Cruz; às 12h, o bate-papo sobre o livro *O coração de Minas Gerais*, com Olavo Romano, autor homenageado da Bienal Mineira do Livro 2022.

No bate-papo com o público, o autor – com mais de 20 títulos publicados, entre os quais *Casos de Minas*, que comemora 40 anos – irá contar seus “causos” mais célebres e divertidos, histórias boas de ouvir numa animada roda de conversa, entre amigos e amantes da literatura. A apresentação é aberta para intervenções do público e o momento se estenderá para uma descontraída sessão de autógrafos no estande exclusivo da *Caravana Grupo Editorial*, da qual ele é editor sênior.

FLITI

A FLITI está entre os principais eventos de difusão do livro e o incentivo ao hábito da leitura, proporcionando o contato com autores locais e do estado de Minas Gerais. O evento é uma importante oportunidade de ler e ouvir histórias, uma poderosa ferramenta de inclusão para crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiência (PcD).

Além de ter a proposta de construir um novo olhar através da leitura e do universo literário, a FLITI valoriza as diversas formas de manifestação da arte, incluindo em sua programação apresentações de músicos e atores – concertos, espetáculos cênicos e filmes.

A programação é gratuita e os pequenos leitores recebem uma atenção muito especial: com o objetivo de fomentar nas crianças o gosto pela leitura, há distribuição de vouchers para que adquiram livros nos estandes das editoras.

Foto: Divulgação



Nessa edição, entretanto, os adultos também serão presenteados: o escritor Irones Paula, mineiro de Campina Verde, residente em Nova York há 30 anos, irá lançar três obras na FLITI: *“As Alucinações de Apo-*

lis”, “Alif Rock Band” e “Cartas para o Grupo Recordando Campina Verde-MG”. Todos os livros serão distribuídos gratuitamente no evento.

“A FLITI permite um encontro de grande autores e temas e propõe-se a popularizar o livro através da democratização do acesso, fomento à leitura, à arte, à cultura, além de incentivar o mercado econômico do setor. É um evento pensado para todos, tanto na diversidade de temas dos debates quanto no espaço dedicado também a autores iniciantes, além da extensa e variada programação”, explica Cristina Figueiredo, idealizadora da Feira. Em suas duas edições anteriores, a FLITI recebeu mais de 12 mil pessoas. A expectativa para este ano é a de praticamente dobrar o número de participantes.

HOMENAGEM A ZIRALDO



Foto: Divulgação

A 3ª FLITI será em homenagem ao conjunto da obra do escritor e ilustrador Ziraldo e a celebração dos seus 90 anos de idade. Adriana Lins, diretora do Instituto Ziraldo, conta que a instituição é parceira da FLITI desde 2020.

“Estamos com a FLITI desde o início, em 2020, quando celebramos os 40 anos do Menino Maluquinho. Em

meio à pandemia, tivemos uma brecha; agora, na terceira edição, comemoramos os 90 anos de Ziraldo”, afirma Adriana. Ela ressalta a importância do evento e revela que as comemorações estarão à altura do escritor e cartunista. “É com muita alegria que a gente participa da FLITI, na linda cidade de Tiradentes. O evento reúne seriedade e ternura ao mesmo tempo. Nós do Instituto Ziraldo estamos muito agradecidos e lisonjeados. Adianto que teremos atividades para todos os públicos nesses quatro dias de festividades para a literatura”, conclui.

ALGUNS DESTAQUES

Parte do acervo de Ziraldo

Rodas de conversa e atividades lúdicas, com vários autores e personalidades convidadas.

Carlos Figueiredo (autor do premiado livro “O Azul” e “Jujuba”) irá lançar “A canoa que vendia coco”, com bate-papo e muitas brincadeiras para as crianças.

“Nicete Bruno, Mãe de Todos”

Cacau Hygino, escritor e dramaturgo. Ele adianta que irá contar um pouco do processo de criação do livro.



“A Música de Milton Nascimento”

Lançamento de livro e bate-papo com Chico Amaral e Tulio Mourão com Pocket Show
Dia 5/11

Foto: Divulgação

Beth Goulart, atriz e escritora

Lançamento do livro *“Viver é uma arte, transformando a dor em palavras”*, livro que fez em homenagem à mãe, Nicete Bruno – Dia 5/11

“JIVID e o grande livro das coisas”

Primeiro livro de Nina Falcão, escritora mirim.

“Tarsila, uma vida doce amarga”

Lançamento do livro e bate-papo com Mary Del Priore.

Cris Souza Fontes

Autora de *“Apaixonada aos 40”* (livro adaptado para o cinema, com Giovanna Antonelli e Dalton Mello, que estreia em 2023), irá lançar *“Eu nunca me casei, mas com você eu me casaria”*.

PARA ALÉM DA LITERATURA

A terceira edição da FLITI terá ainda diversas atividades culturais de música, teatro e espetáculos, entre os quais *“A nova roupa do imperador do Brasil”* e *“Todo mundo é igual mesmo sendo diferente”* – com Jujuba e Ana, dupla de atores, músicos, produtores e contadores de histórias que se uniram pelo interesse comum em folclore e cultura popular.

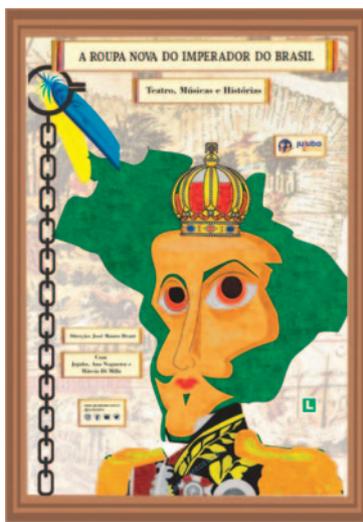


Foto: Divulgação

A apresentação do *Coral Entre & Vista* também merece destaque. O grupo faz parte da *Oficina de Teatro Entre & Vista*, instituição pública criada na cidade em 1992, com o objetivo de promover a cultura regional. O coral mantém viva a tradição das Serenatas em Tiradentes.

Outro ícone da cidade é a *Orquestra Banda Ramalho*, criada em 1860. Celebrando seu 162 anos de tradição, fará a apresentação no encerramento do evento. A orquestra é responsável por manter a tradição e as atividades musicais de Tiradentes, apresentando-se em festas cívicas e religiosas.



Orquestra Banda Ramalho

Foto: Facebook da Orquestra

SERVIÇO

3ª Feira Literária de Tiradentes

3 a 6 de novembro de 2022

Local: Gramado do Santíssimo Resort, Largo das Mercês e no centro de Cultura Yves Alves, localizado no Centro Histórico de Tiradente / MG

Programação completa: fliti.org.br

Mais informações: (21) 96404-9863 | [@flitifeiraliterariatiradentes](https://www.instagram.com/flitifeiraliterariatiradentes)

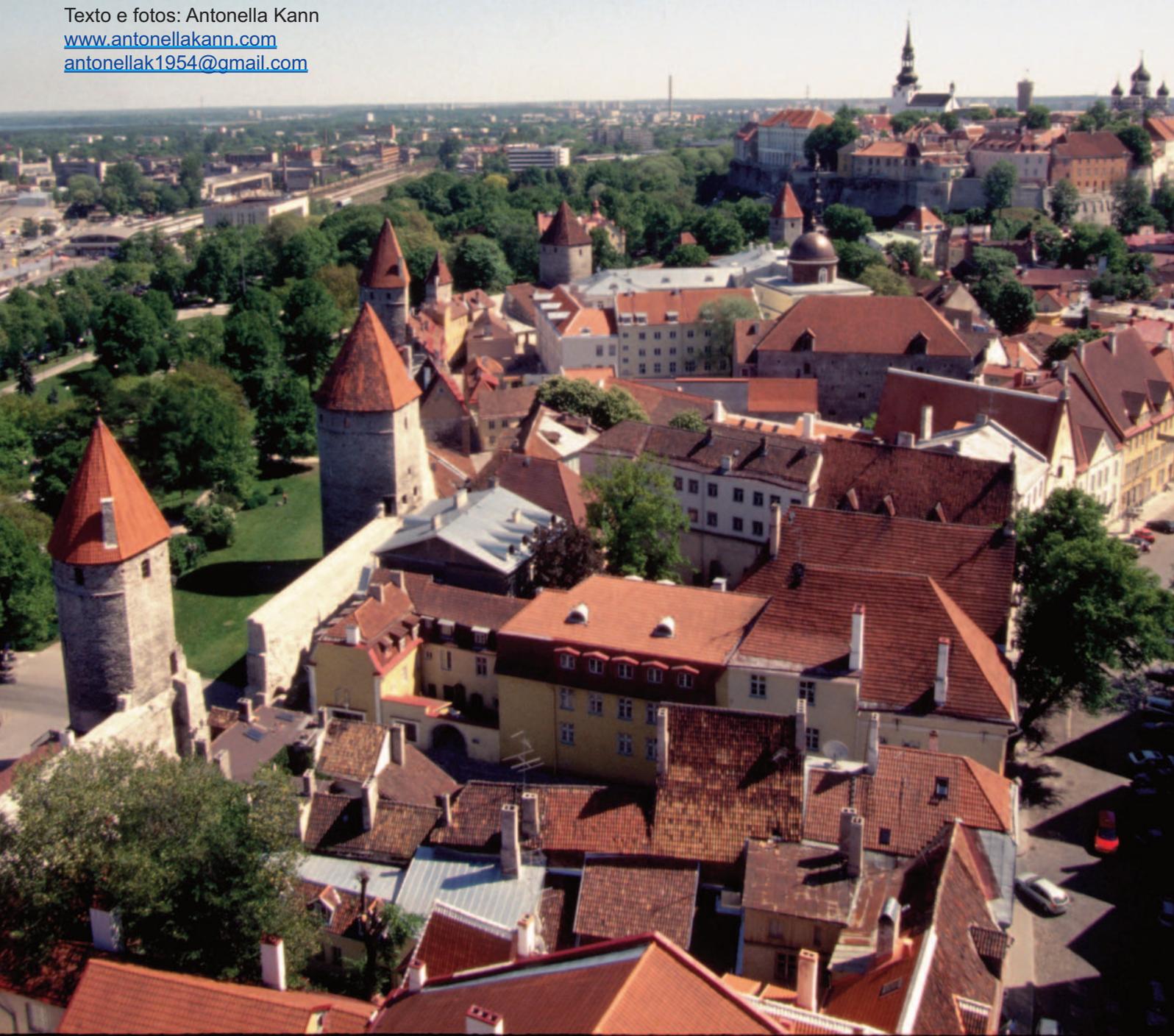
Patrocinadores: New Holland, Itaú Unibanco, Cemig, Estácio e Qualicorp

ESTÔNIA: RUMO A UM NOVO DESTINO TURÍSTICO

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com



Situada ao oeste da Rússia, ao norte da Letônia e ao leste da Suécia, a Estônia é um pequeno país dos Bálticos debruçado sobre o Golfo da Finlândia. Tallinn, a capital, é uma cidade encantadora, rica em história e está rapidamente se tornando um destino muito atraente para o turista à procura de algo novo. Até mesmo no inverno, quando o Mercado de Natal em Old Town transforma o centro em um paraíso mágico



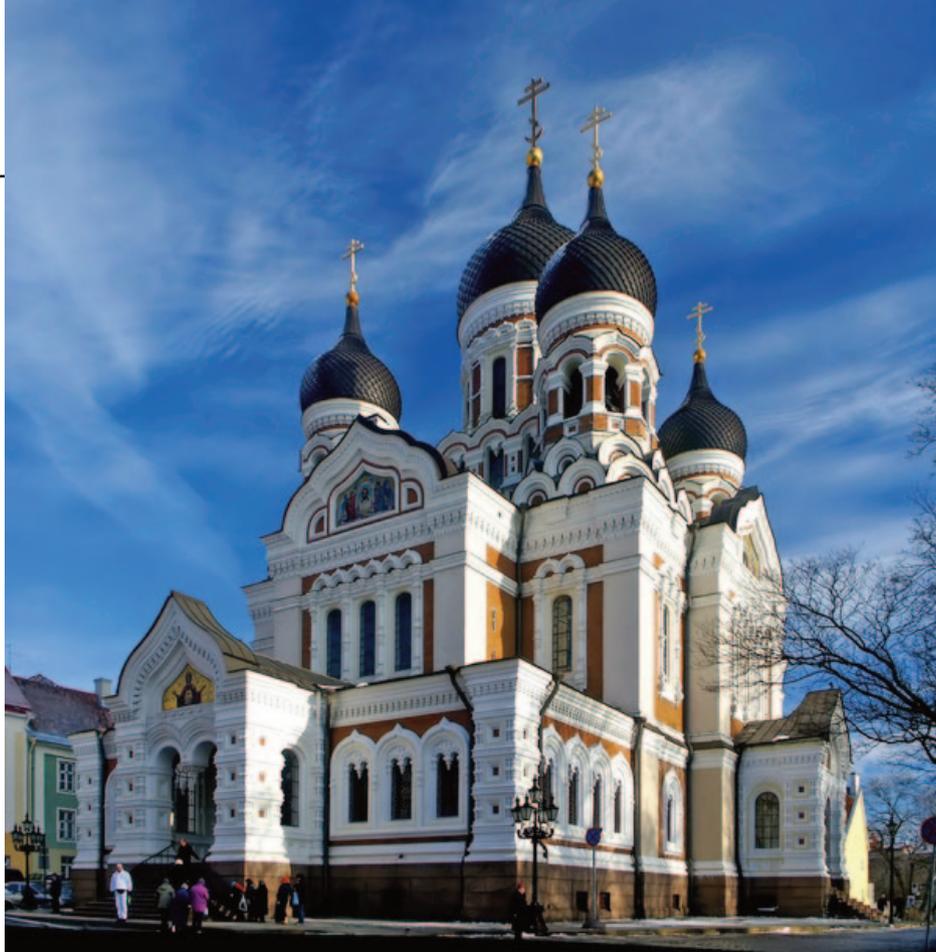
Mercado de Natal, Praça Raekoja

Foto: Sergei Zjuganov, Site itinari.com

Menos de três horas após decolar de Londres, o avião preparava seu pouso no aeroporto de Tallinn, capital da Estônia. Eram dez e meia da noite, mas no horizonte o sol ainda brilhava feito uma enorme bola de fogo. Nesta região situada no extremo norte da Europa, o verão é a época em que praticamente não anoitece. Não é à toa que todos os eventos e as festividades típicas afloram principalmente de junho a agosto e atraem milhares de turistas para esta encantadora cidade, cuja atração principal é a parte antiga, incorporada ao Patrimônio Mundial da Unesco desde 1977.

De novembro a março, o inverno castiga, mas as comemorações natalinas aquecem os corações mais exigentes. Com noites bem mais longas que os dias, as luzes de Natal ganham um tom especial e mágico nas ruas da cidade, somando-se à beleza e às atrações do Mercado de Natal, no centro histórico, cada vez mais prestigiado na mídia estrangeira, eleito repetidamente como um dos melhores da Europa.

Tallinn é reconhecida por ter a cidade medieval mais bem preservada de todo o norte da Europa, pois conseguiu manter intactos inúmeros monumentos históricos, muralhas, igrejas, castelos e construções que datam desde o início do século XI ao século XV. Desde que foi fundada a primeira comunidade pelo rei dinamarquês Valdemar II, “o Vitorioso”, em 1219, o país conheceu períodos de turbulência e prosperidade – e até mesmo algumas décadas de independência – mas sua história está impregnada pelas marcas deixadas por diversos invasores que, durante quase 800 anos, subjugararam os estonianos e assolaram o país. Basta lembrar que somente em 1991 a Estônia conseguiu se livrar do domínio soviético, restaurando definitivamente a sua independência como República, e desde o 1º de maio de 2004 festeja



Igreja ortodoxa localizada na Cidade Velha em Tallinn. Foi construída em 1894, como influência do Império Russo
Foto: Georg Mittenecker / Wikipedia

a sua entrada como mais um membro da Comunidade Europeia.

Por estar cercada de povos vizinhos com irresistível vocação para guerrear, ao longo dos séculos passaram pelos 45 mil km² da Estônia nada menos que os Vikings, os suecos, os russos czaristas e os alemães. Estes últimos ocuparam o país durante quase toda a II Guerra Mundial até que os estonianos tiveram que, mais uma vez, se curvar aos soviéticos quando os Bálticos foram anexados.

A “russificação” da Estônia durou 50 anos, durante os quais o povo foi submetido a um enquadramento ideológico. Mas ao contrário do que se pode esperar, praticamente não há mais nenhuma cicatriz do regime comunista na Estônia. Aliás, esta ideologia jamais foi

compartilhada de bom grado pelos estonianos, que conseguiam através de seus festivais de música acalantar sentimentos de patriotismo e identidade cultural numa época em que qualquer outro meio de expressão era severamente punido.

Durante estes festivais, realizados desde 1869 a cada cinco anos numa imensa área verde em pleno centro de Tallinn, se reúnem coros de todas as regiões para reviver o folclore da nação. O público chega a 250 mil espectadores e a tradição está tão enraizada na alma desta gente que o evento de 1988 assumiu uma importância histórica simbólica: ele ficou conhecido como a “Revolução Cantada”, quando o público formado por milhares de estonianos se uniu para cantar, numa demonstração pacífica que, dizem, contribuiu para a

restauração de sua independência. Também é fato que, em 23 de agosto de 1989, estima-se que dois milhões de pessoas, de mãos dadas, formaram um cordão humano que se estendeu de Tallinn a Vilnius, capital da Lituânia, para protestar contra as injustiças cometidas pelo governo soviético.

A Tallinn do século XI foi construída com três objetivos: fortaleza, porto e praça de comércio. O clero, a nobreza e a alta burguesia se instalaram na parte mais alta da cidade, numa colina conhecida como Toompea, em volta da qual ergueram uma muralha para manter distância do burburinho dos comerciantes e artesãos que ocupavam a parte baixa com seus armazéns e suas oficinas, na proximidade do porto e da praça do mercado.



Castelo de Toompea

Foto: Terker / Wikipedia

Imagine então um autêntico cenário medieval, entremado por ruelas estreitas de paralelepípedos que desembocam em pontos estratégicos, enriquecido por

torres, igrejas, catedral, casarões de época, passagens cobertas e escadarias que levam o visitante para o topo das construções para que tenham uma visão panorâmica da cidade. O mais surpreendente é saber que este conjunto arquitetônico resistiu a todos os invasores e ainda saiu praticamente ileso dos bombardeios durante as duas grandes guerras.

Além de ser rica em história, com muitos museus para contá-la, a parte medieval de Tallinn também se tornou o nicho para a boa gastronomia e endereço de alguns dos melhores restaurantes da capital, como o estiloso “*Bocca*”, o requintado “*Stenhus*” – localizado numa galeria subterrânea – ou o temático e tradicional “*Balthazar*”, instalado no mesmo prédio da mais antiga farmácia em funcionamento da Europa, que data de 1422.



Restaurante Stenhus

Foto: Tripadvisor

Por outro lado, boa parte dos requintados hotéis-boutique e design hotéis estão abrigados em alguma construção antiga que passou por uma reforma interna para acomodar quesitos modernos, confortáveis e de última geração. Sendo assim, não se surpreenda se numa antiga moradia que data de 600 anos, como o estrelado “*Three Sisters Hotel*”, os quartos ostentam telas planas de tevê, DVD’s, controle remoto para a luz ambiente e entre todas as amenidades imagináveis ainda serve o café da manhã até às 18 horas.

Explorar Tallinn a pé é a melhor maneira de se embrenhar por todos os cantinhos da cidade. Se tiver preguiça, há um outro meio de transporte tipicamente local, uma espécie de triciclo com um jovem personal pedante, que vai levando no máximo dois passageiros no banco traseiro. Mas é a praça do mercado, a *Raekoja Plats*, que se torna palco principal dos mais importantes eventos e festivais que se alastram verão adentro. Muitas festividades são ligadas à música, outros são temáticos, como o *Festival da Cerveja* e o *Festival Me-*

dieval que ocorrem nos próximos 6 a 11 de julho. Neste último, a praça fica lotada de barraquinhas que vendem desde comidas típicas a artesanato local, mas o interessante são os trajes usados pelos comerciantes, fiéis à época que retratam. Brincadeiras e jogos fazem parte do programa e há inúmeros espetáculos para animar a festa.

Apesar do idioma ser incompreensível até mesmo para quem domina um vasto número de línguas estrangeiras, a comunicação com os locais é fácil: a grande maioria fala inglês (e, é claro, russo). Aliada à simpatia e hospitalidade natural da população, o turista se sente muito à vontade e bem-vindo desde o momento em que pisa no aeroporto. O estoniano tem orgulho de seu país, respeita as suas tradições e procura cada vez mais a sua individualidade cultural e ideológica. A Estônia, com apenas 1,4 milhões de habitantes – dos quais um terço mora na capital, faz questão de assumir a sua própria personalidade. E Tallinn, centro turístico por excelência, está rapidamente se tornando um rumo muito atraente para o turista à procura de algo novo.



Festival
Medieval

MERCADO DE NATAL PRAÇA RAEKOJA

A partir de meados de novembro, a Praça Raekoja no centro histórico de Tallin se transforma. Os preparativos para o Mercado de Natal começam por encontrar a árvore natural mais bonita de toda a Estónia. E há, inclusive, um concurso bastante concorrido entre os moradores proprietários de árvores à altura da festa.

As decorações na árvore mudam todos os anos e são cuidadosamente escolhidas. A praça – local onde as pessoas se reúnem para comemorar o Natal desde a idade média, consta que a primeira árvore já estava lá no ano de 1441 – transforma-se num paraíso de inverno: em 2018 foi eleito o melhor Mercado de Natal da Europa.

No espaço, um grande palco abriga concertos e espetáculos; quiosques com lembranças locais, decorações natalinas e comidas típicas também compõem o ambiente, além de diversas atividades infantis.

Se resolver conferir o Natal em Tallin, não deixe de experimentar o *Glögg* – vinho quente, feito com cidra e especiarias – vendido em todos os lugares, uma delícia para espantar o frio! Os tradicionais biscoitos de gengibre, feitos em casa e decorados com glacê de diferentes cores, também são obrigatórios.



Feira de Natal,
centro histórico
de Tallinn

Foto:
Kaupo Kalda
Blog Brasileiras
pelo Mundo



Glögg

Foto: Mr.choppers
Blog Brasileiras
pelo Mundo



Biscoitos
de gengibre

Foto:
cakeandallie.com
Blog Brasileiras
pelo Mundo

CAROLEE SCHNEEMANN: BODY POLITICS

Mostra da artista pioneira da performance feminista,
na Barbican Art Gallery, Londres



Carolee Schneemann, *Up to and Including Her Limits*, 10 de junho de 1976, Studiogalerie, Berlin, Photograph by Henrik Gaard, Carolee Schneemann Papers, Getty Research Institute, Los Angeles (950001), © Carolee Schneemann Foundation / ARS, New York and DACS, London 2022

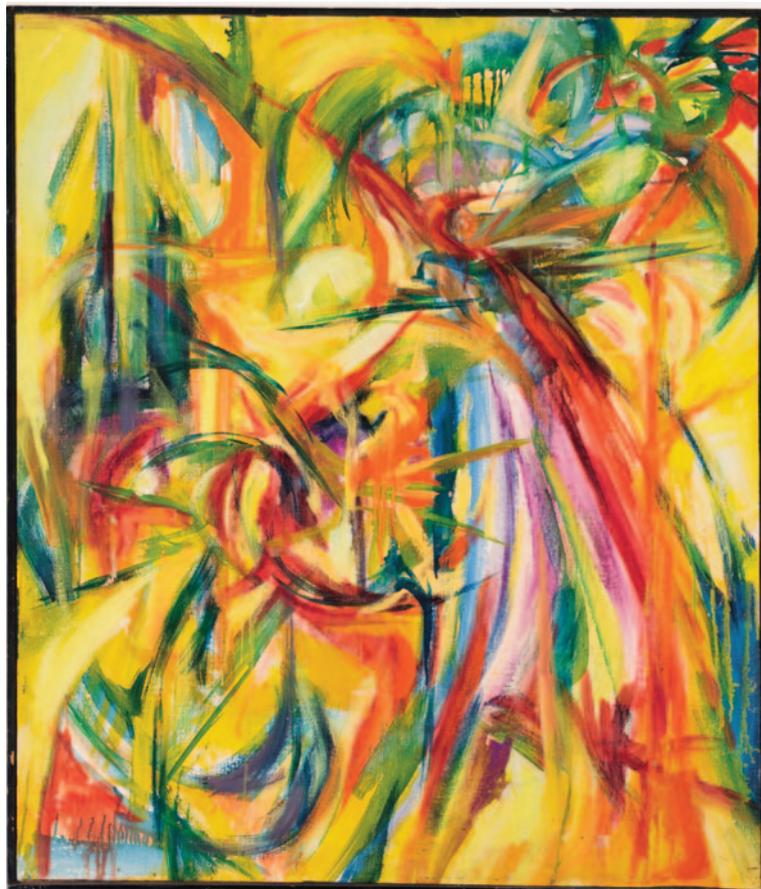
Maria Hermínia Donato

Carolee Schneemann usou o seu corpo como matéria prima de sua obra. Artista destemida, experimental, ativista – cujo trabalho ao longo de seis décadas desafia qualquer fácil categorização – questiona a história do patriarcado, o abuso de poder em conflitos globais e tabus que são abordados sempre com ousadia pela sua arte. O pessoal é político.

Trabalhando em pintura, colagem, filme, instalações e performances, Schneemann usa uma abordagem radical explorando sua própria expressão sexual, a objetificação e opressão das mulheres, o relacionamento entre animais e humanos, a guerra, o câncer, a mortalidade e muito mais. E apesar de conhecida por sua obra inovadora em performances ao vivo, Schneemann, sempre se definiu como pintora. Afirmava que começou a desenhar antes de falar e que seu trabalho foi uma extensão dos princípios visuais da pintura.

Carolee Schneemann (1939-2019) nasceu em Fox Chase, cidade rural da Pensilvânia; sua mãe era dona de casa e seu pai médico. *“Sempre houve fisicalidade ao nosso redor, agricultores feridos com membros hemorrágicos, e infecções. Nenhuma fantasia do corpo higienizado nesta casa”*, disse certa vez a artista.

Começou a desenhar aos quatro anos e recebeu uma bolsa de estudos para o *Bard College*, no estado de Nova York, mas foi expulsa dois anos depois por pintar



Carolee Schneemann, *Pin Wheel*, 1957, Óleo sobre tela, montado em roda de oleiro em aço, Courtesy of the Carolee Schneemann Foundation and Galerie Lelong & Co., Hales Gallery, and P.P.O.W, New York and © Carolee Schneemann Foundation / ARS, New York and DACS, London 2022

seu próprio corpo nu, pela falta de modelo vivo para os alunos. A expulsão marca sua determinação de usar seu corpo com material em suas obras.

A mostra na Barbican Art Gallery abre com as primeiras experiências da artista com a pintura. Schneemann encontra seu próprio estilo dentro do contexto do Expres-

sionismo Abstrato indo além dos limites da tela, com montagens escultóricas e trabalhos cinéticos.

Inspirada pelas paisagens semiabstratas de Paul Cézanne (que pensava ser uma mulher devido ao Anne no nome), Carolee começa a pensar no modo de pintar como espaço, e a tela como uma extensão dinâmica de seu corpo. Num ato de serendipidade (adoro essa palavra), uma exposição de Cézanne está na Tate Modern. Assim, os dois artistas são homenageados juntos.

TRABALHOS ICÔNICOS

One Window is Clear – Notes to Lou Andreas-Salome – tinta óleo, tecido, fita magnética, tela, papel, luvas, madeira e fotografias (1965).

Schneemann é inspirada pelos textos de Andreas-Salomé (analista russa amiga de Freud, Rilke e Nietzsche) sobre sexualidade, amor e erotismo. No trabalho, a fita cassete pendurada na obra, depois de destruída, contém a voz de Schneemann lendo os escritos de Andreas-Salomé sobre o narcisismo. A fita liga as duas mulheres através do tempo e do espaço.

Uma carta a Lou Andreas-Salomé, sobre sua influência em Rilke para a equidade no amor ao trabalho com mulheres artistas; as percepções conflitantes + fragmentadoras de Nietzsche, Tolstoi, Freud... escrita por Carolee, se encontram no verso da pintura.

Apesar do seu interesse pela ação física, o rigor intelectual está presente no seu trabalho. Suas **construções de caixas** são pequenas esculturas experimentais, re-

unindo múltiplos objetos e suas associações em configurações aleatórias.



Carolee Schneemann, *Pharaoh's Daughter*, 1966, Caixa de madeira, lâmpadas, slides, tinta a óleo, relógio, ampola, objetos metálicos, papel e espelhos, Private collection, London © Carolee Schneemann Foundation / ARS, New York and DACS, London 2022, Photograph by JSP Art Photography

Schneemann e seu amigo Joseph Cornell (artista visual criador das caixas de sombra, um dos maiores expoentes da montagem e da justaposição inesperada) tinham um mútuo interesse no espaço que existe entre a vigília e o sonho. Apesar da afinidade com o trabalho de Cornell, as caixas da artista têm uma energia distinta contendo referências da sua vida pessoal. Ela usa vidros quebrados e objetos esmagados ou queimados – um incêndio em seu estúdio instiga em Schneemann



Carolee Schneemann,
*Eye Body: 36 Transformative
 Actions for Camera*, 1963,
 Impressão de prata em
 gelatina, impressa em 2005,
 Photograph by Erró
 Courtesy of the Carolee
 Schneemann Foundation and
 Galerie Lelong & Co.,
 Hales Gallery, and P.P.O.W,
 New York and © Carolee
 Schneemann Foundation /
 ARS, New York and DACS,
 London 2022, Photograph
 Erró © ADAGP, Paris and
 DACS, London 2022

o interesse de usar a queima controlada como um processo material.

Em *Eye Body: 36 Transformative Actions for Camera*, trabalho seminal de Carolee Schneemann, a artista começa a responder a sua própria indagação: “Posso ser tanto uma imagem como uma criadora de imagens?” *Eye Body* foi uma ação privada em seu atelier, sem público, e só existe na forma fotográfica.

Carolee queria combinar sua presença física nua com os materiais que usava nas pinturas e instalações (tinta, graxa, papel, cola etc). Seu corpo passa a ser sujeito e objeto em medidas iguais. As imagens contêm cobras vivas, espelhos quebrados e crânio de vaca como adereços, sugerindo rituais arcaicos, violência, mas tudo com perspicácia surrealista.

Essa é a primeira vez que Schneemann incorpora seu corpo físico na forma de sua obra, permeando a fronteira entre o criador da imagem e a própria imagem, vendo e sendo visto, olho e corpo – daí o título “*Olho Corpo*”.

Carolee Schneemann enfrentou críticas ao longo de sua carreira por usar seu corpo como material de sua arte. Uma das mais contundentes partiu de muitas feministas nos anos 1970, que rejeitavam o seu trabalho.

“A convicção delas era que utilizando o meu corpo o meu trabalho estava jogando nas piores tradições das mãos masculinas. Fiquei muito infeliz com isso. Eu poderia aceitar ser rejeitada pelas expectativas eróticas masculinas tradicionais, mas havia muitos movimentos feministas rigorosos que eu não podia participar”.

Ela foi fundadora do *Judson Dance Theater* e autora da performance canônica da história da arte performática, ***Meat Joy***. Antes de obter sucesso, a apresentação foi interrompida em Paris e Londres por sua provocação e excesso. Uma exuberante celebração sensorial da carne. Trata-se da performance mais famosa de Schneemann. Acompanhada de uma colagem de trilha sonora formada pelo barulho das ruas de Paris e músicas pop, homens e mulheres seminus (incluindo ela mesma) rolam sobre pilhas de papéis, abraçam-se, criam esculturas vivas, juntam-se, separam-se, pintam os corpos um do outro, e no final misturam-se a frangos, peixe e linguiça crus. *Meat Joy* é um rito erótico.

Interior Scroll (Pergaminho interior) performance, Long Island, Nova York (1975). Para a apresentação, a artista ficou sozinha em uma mesa, nua, posando como uma modelo, lendo em voz alta o livro de sua autoria, “*Cézanne, She Was A Great Painter*”.

Em um dado momento, ela pausa a leitura, coloca o livro no chão e lentamente extrai uma tira estreita de papel datilografado dobrado de sua vagina, lendo o texto no pergaminho à medida que ele emergia.

Um marco na história da arte performática, um momento que encapsulou o trabalho feminista e a fonte

Carolee Schneemann, *Meat Joy*, 16-18 de novembro de 1964, Judson Dance Theater, Judson Memorial Church, New York, Photograph by Robert McElroy, Courtesy of the Carolee Schneemann Foundation and Galerie Lelong & Co., Hales Gallery, and P.P.O.W, New York and © Carolee Schneemann Foundation / ARS, New York and DACS, London 2022 Photograph © 2022 Estate of Robert R. McElroy / Licensed by VAGA at Artists Rights Society (ARS)





Carolee Schneemann, *Interior Scroll*, 29 de agosto de 1975, *Women Here and Now*, East Hampton, New York, Photograph by Anthony McCall, Courtesy of the Carolee Schneemann Foundation and Galerie Lelong & Co., Hales Gallery, and P.P.O.W, New York and © Carolee Schneemann Foundation / ARS, New York and DACS, London 2022, Photograph © Anthony McCall

da força imaginativa e criativa da artista dentro de seu próprio corpo.

***Up To and Including Her Limits* (1976)**

Pendurada nua de um arnês, movimentando seu corpo num estado de transe, Carolee Schneemann desenha e escreve nas folhas de papel ao seu redor. A performance explora os limites de resistência física e emocional, além dos limites legais de aparecer nua em público durante uma performance.

Os filmes e instalações multimídia de Schneemann confrontaram a precariedade da vida e a política do sofri-

mento humano, desde a Guerra do Vietnã e o 11 de setembro, à sua própria luta contra o câncer.

Até sua morte, em 2019, Schneemann continuou a defender a arte sem limites, estendendo as fronteiras das convenções sociais e de gênero. Ela lidou com os tabus que estão programados dentro de nós.

Ao reivindicar o corpo feminino, ela estabeleceu o desafio para repensar as condições que impedem nossas comunidades de se formarem através da equidade, do erotismo e do amor, em vez do poder e da dominação.

SERVIÇO

Exposição *Carolee Schneemann: Body Politics*

Até 8 de janeiro de 2023

Barbican Art Gallery – Londres



Carolee Schneemann: *Body Politics* Installation view Barbican Art Gallery, 2022 © Marcus J Leith

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868